

ILUSTRAÇÃO

A revista portuguesa de
maior tiragem e expansão

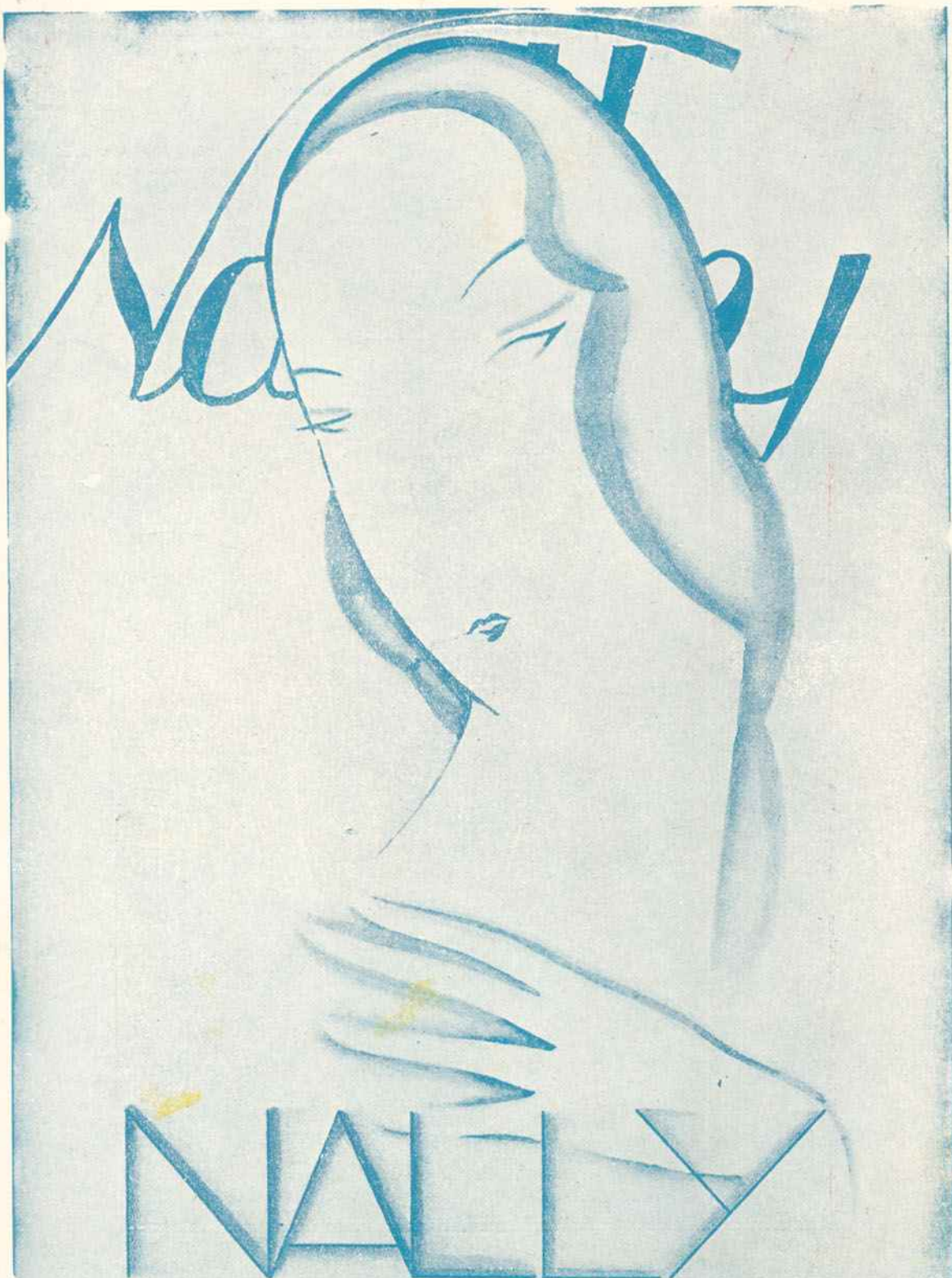


A N O V I



NÚMERO 124

16 DE FEVEREIRO DE 1931



MARCA ADORAVEL QUE A MULHER DESEJA
OS MELHORES PERFUMES
OS PRODUTOS "BENAMOR" SÃO PERFUMADOS COM ESSENCIAS DE NALLY

ETERNIT

Chapas lisas e onduladas de fibro-cimento, leves, impermeáveis, económicas, resistentes, incombustíveis, duradouras, para revestimento de telhados e paredes



AGENTES DEPOSITARIOS

Corporação Mercantil
Portuguesa, L. da

R. AUGUSTA, 220, 2.º

LISBOA

Teleg. EPLANTIER

Telef. 2 3948

Encontra-se á venda o

Almanach Bertrand

FUNDADO POR FERNANDES COSTA E COORDENADO POR D. MARIA FERNANDES COSTA

Unico no seu género em Portugal

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa. — RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO. — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros. — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Um grosso volume de 400 páginas, cartonado ...	10\$00
Encadernado luxuosamente	18\$00

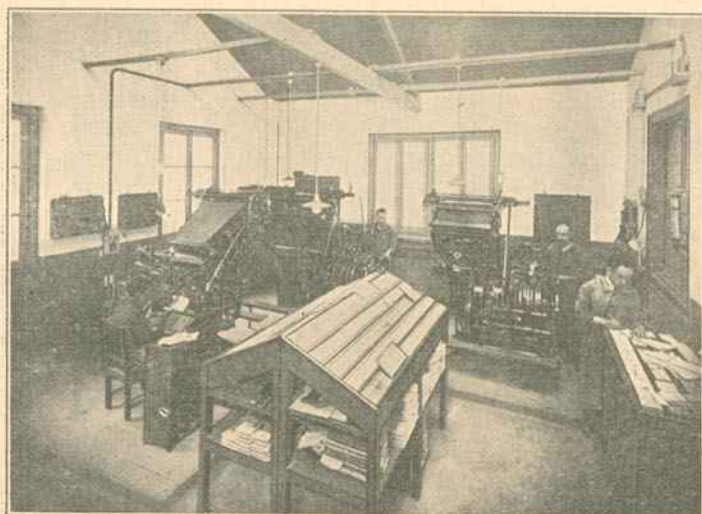
Á venda em todas as livrarias

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

32.º — ANO — 1931



Sala das máquinas "Linotype"

Sociedade Gráfica Editorial

S. A. R. L.

Rua da Alegria, 30
LISBOA

TRICROMIA
DESENHO
TRABALHOS DE
GRANDE ARTE
TRABALHOS
COMERCIAIS
INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO
ORÇAMENTOS
GRATIS

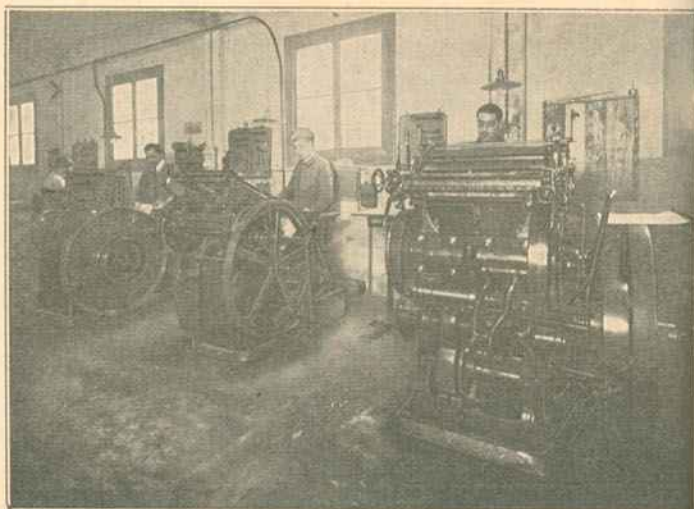
As mais modernas instalações do país e aquelas que maior capacidade de produção possuem ~ ~ ~

**SECÇÃO ESPECIAL
DE PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS ULTRA-
- - - RÁPIDAS - - -**

COMPOSIÇÃO MECANICA

E' nas oficinas desta Sociedade que se imprimem todos os belos trabalhos gráficos de

**Ilustração, Magazine
Bertrand, O Volante,
Historia da Literatura
Portuguesa (Ilustrada),
O Comercio Português,
Revista Aéronáutica
Almanach Bertrand**



Uma fase da oficina de impressão



OLHAR QUE FASCINA

Com o ondulador KURLASH das pestanas

Que é um engenhoso aparelho que permite com o Fard Rodal Cosmético, em alguns segundos, arquear as pestanas tal como nós vemos nas artistas de filmes norte americanos. Transforme as suas pestanas em fartas e longas com os produtos VILDI-ZIENNE e ondula-as com KURLASH. Use na toilette da noite Creme de Massagem Rainha da Hungria e da toilette diária, Agua, Creme, Rouge e Pó d'Arroz da grande marca Rainha da Hungria. Peça catálogo grátis e o Estojo-amostra

com 7 productos 14\$00, pelo correio 15\$00 que embeleza, Rejuvenesce, Bateiza a mocidade!

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

— As mais luxuosas instalações —

Directora: M.^{me} CAMPOS



AVENIDA DA LIBERDADE, 35

Uma combinação?



Sim; hoje nos veremos de novo. Porém haja cuidado, pois esta alegria também pode desaparecer em consequencia dos divertimentos da noite anterior. Como se sabe, o abuso do alcool e tabaco traz incomodos, mau humor e cansaço. Que fazer?

Tomar

CAFIASPIRINA

que não só faz desaparecer as dores bem como possui a acção reanimadora e estimulante da cafeina. Assim nos recomfortamos e podemos saborear o leite que proporcionam as horas passadas agradavelmente.

Tome, pois, Cafiaspirina.

Não afecta o coração nem os rins.



Novidade sensacional PENTE ONDULADOR

Patenteado em todo o mundo

Protegido legalmente



Este pente ondula o seu cabelo sem outro auxilio, bastando apenas uma passagem diária. Imediatamente depois da primeira vez que se emprega, obtém-se uma linda ondulação. Economiza-se a despesa do cabeleleiro e ter-se-há uma ondulação permanente. Garante-se um bom resultado sem estragar o cabelo. Temos em nosso poder numerosas cartas de agradecimento de vários clientes e de notáveis estréllas de cinema. Este pente, de construção sólida e resistente, é fornecido com embutidos em doirado e está ao alcance de todas as bolsas, pois custa apenas 15\$00 esc., incluindo embalagem e despesa de transporte. Dois pentes 25\$00 esc.

Envia-se contra reembolso ou mediante pagamento adiantado

DIRIGIR PEDIDOS A

M. REISINGER, Dept. 92, Fach 133. VIEN 27, AUSTRIA

MAÇAGAZINE
BERTRAND

CONTINUA A MANTER
A SUA SUPREMACIA

LEIAM O NÚMERO DE FEVEREIRO

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■■■

Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveriza-
ções, etc. — — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

Sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa

A série da ANTOLOGIA PORTUGUESA, que virá a constar de uns trinta volumes, pelo menos, não será apresentada ao público com numeração editorial. Cada possuidor a ordenará como entenda, ou cronologicamente, ou por poetas e prosadores, segundo o seu critério e vontade.

VOLUMES PUBLICADOS:

MANOEL BERNARDES, dois volumes.
ALEXANDRE HERCULANO, 1.º volume.
FREI LUÍS DE SOUSA, 1.º volume.
BARROS, 1.º volume.
GUERRA JUNQUEIRO, verso e prosa, um volume.
TRANCOSO, um volume.
PALADINOS DA LINHAGEM, três volumes.
FERNÃO LOPES, três volumes.
LUCENA, dois volumes.
EÇA DE QUEIROZ, dois volumes.
AUGUSTO GIL, um volume.
CAMÕES LÍRICO, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º volumes.
ANTERO DE FIGUEIREDO.
AFONSO LOPES VIEIRA.

EM PREPARAÇÃO:

CAMÕES LÍRICO, 5.º volume.

Cada volume brochado . . Esc. 12\$00
encadernado „ 16\$00

Dirigir pedidos ás

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

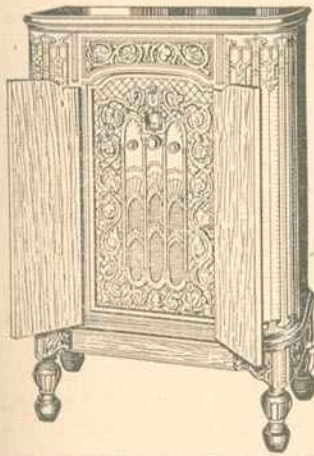
"CROSLEY"

EM EXPOSIÇÃO LINDOS MODELOS

1931

RADIO-GRAMOFONES
RADIO-RECEPTORES

«PILOT»



Construir com o material «PILOT» é assegurar
um óptimo rendimento e um funcionamento
perfeito

Representantes exclusivos

HERTZIANA, L.^{DA}
RUA AUGUSTA, 280

ACABA DE APARECER

o n.º 33 da

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

Novas Florinhas de S. Francisco

DE

RAMON MARIA TENREIRO

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO À LITERATURA

INFANTIL POR

DULCE DE FIGUEIREDO

ILUSTRAÇÕES DE

ALFREDO DE MORAIS

LIVRO ENCANTADOR PARA CRIANÇAS
DOS 12 AOS 14 ANOS

À venda na Filial do *Diário de Notícias*

Largo de Trindade Coelho, 10 e 11

E EM TODAS AS LIVRARIAS



(LEGÍTIMO W. B. W. ALEMANHA)

Único hidrófugo garantido contra:

HUMIDADE, TORTULHO E SALITRE

Materiais especiais para construções e decorações

Importador exclusivo, J. BIELMAN, Sucr.

GALERIA DE PARIS, 42. — PORTO

Deposítarios em Lisboa: S. RAMOS L^{DA}. — Rua Cais do Tojo, 71

PEÇAM CATALOGOS GRATIS

"EVA,, Uma linda
capa

Uma elegante primeira página
— Uma sensacional página cen-
tral — Os mais lindos figurinos

PRIMOROSA COLABORAÇÃO LITERÁRIA: *Arti-
gos, Crónicas, Crítica literária, Conse-
lhos e alvitre, Culinária*

DITAMES E DITERIOS

por ALFREDO DA CUNHA

EDIÇÃO ARTISTICA

2.º volume — 15\$00

1.º e 2.º volumes — 25\$00

Desta obra escreveu João Grave:

«Sou de há muito um autêntico apaixonado de tudo quanto se refere a «Ditados», desde os dos velhos cancioneiros, desde os do Marquês de Santillana...

«Mas tê-los agora a muitos, a muitíssimos dêles, interpretados, glosados com fina ironia, em belos versos fluentes, em tôdas as rimas, nos mais variados metros, e tudo, a demais, numa linguagem correctíssima, em que o apuro da forma é insuperável — eis o que é de admirar — e de agradecer.

«Ditames e Diterios» ficará clássico no capítulo tão interessante da literatura em que se enquadra.

«Livro encantador, que queremos ler a fugir, mas que temos de ler pausadamente para meditar na graça, no propósito, na filosofia prática que nos diverte e instrui».

À VENDA NAS LIVRARIAS

E NA FILIAL DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11

ACABA DE APARECER

REFORMA DO CODIGO CIVIL

(Dec. n.º 19:126, de 16 de Dezembro de 1930)

Inserindo o texto integral que altera diversos artigos do Código Civil e também a explicação ou justificação sumária das várias alterações segundo a nota officiosa fornecida pelo Ministério da Justiça.

PREÇO 8\$00 Esc.

Pelo correio, à cobrança, mais 1 escudo

À VENDA NA FILIAL DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11

LISBOA

HISTORIA DE PORTUGAL

DE

ROCHA MARTINS

(2.ª EDIÇÃO)

D. Duarte (O Eloquentes)

As tendências do rei e a de seus irmãos — A Rainha — O Cabo Bojador — Expedições a Tanger — A igreja e Portugal — O exército da conquista — O Infante Santo — O resgate do Infante.

REGENCIA DO INFANTE D. PEDRO

O testamento de Dom Duarte — Os partidos rivais — Tumultos na capital — Os príncipes de Avis — As lutas em Castela — O regente — As novas conquistas — O Infante Santo — A casa de Bragança — Fim da regência.

A 2.ª EDIÇÃO

«Historia de Portugal,
de ROCHA MARTINS

Encontra-se já à venda na Filial do «Diário de Notícias», Largo Trindade Coelho, 10. **Preço 35\$00 escudos.** Envia-se pelo correio contra reembolso de Esc. 38\$00.

A' Classe Forense

CODIGO DO PROCESSO CIVIL ACTUALIZADO E COMENTADO

Esta notável obra, da autoria do distinto advogado dr. Azevedo Souto, acompanha em comentário todos os artigos do Código, inserindo no lugar próprio toda a legislação respectiva em vigor, e encerra, ao lado da doutrina, a mais importante e moderna jurisprudência.

O 2.º vol. é posto à venda em Janeiro.

Preço do 1.º vol. 60\$00

À VENDA NA FILIAL DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11 — LISBOA

Aos Estudantes dos Liceus e aos Professores

Recomenda-se a Colecção Patricia

Que contém a história da nossa literatura em pequenos e elegantes volumes.

Os volumes publicados são :

- | | |
|--|----------------------------|
| 1—Camilo Castelo Branco (2. ^a edição) | 16—Gil Vicente |
| 2—Fialho de Almeida (2. ^a edição) | 17—Camilo e o Centenário |
| 3—Os melhores sonetos brasileiros (2. ^a edição) | 18—Júlio Dinis |
| 4—Alexandre Herculano | 19—Júlio Dantas |
| 5—Gomes Leal | 20—Ex-libris |
| 6—Eça de Queiroz | 21—Sonetos contemporâneos |
| 7—Guerra Junqueiro | 22—Sá de Miranda |
| 8—Eugénio de Castro | 23—Nicolau Tolentino |
| 9—Os eternos sonetos de Portugal | 24—Garcia de Rezende |
| 10—A Batalha (2. ^a edição) | 25—Latino Coelho |
| 11—Bocage | 26—Soror Mariana |
| 12—Marcelino Mesquita | 27—Ramalho Ortigão |
| 13—As mais lindas quadras populares | 28—D. João da Câmara |
| 14—António Nobre | 29—H. Lopes de Mendonça |
| 15—Marquesa de Alorna | 30—A Cerâmica |
| | 31—Cartas de Soror Mariana |
| | 32—Júlio Cesar Machado |
| | 33—Manuel Bernardes |
| | 34—Gonçalves Crespo |
| | 35—Fernão Lopes |

Preço de cada volume da colecção: 2\$50

A venda na Filial do «Diário de Notícias», Largo de Trindade Coelho, n.º 10 e 11 e nas outras livrarias.

**O UNICO TRATAMENTO RACIONAL
DOS CABELOS BRANCOS**



**Não é
uma tintura**

**Não é
um regenerador**

É o alimento que os vossos cabelos brancos reclamam para voltar a sua cor primitiva, quer tenham sido loiros, castanhos ou pretos.

O AZEITE VEGETAL PERFUMADO A. S. O.
rejuvenesce de 20 anos, após alguns dias de uso.

A VENDA NOS PRINCIPAES ESTABELECIMENTOS AO PREÇO DE 2\$500

SOCIEDADE DE PRODUTOS FARMACÉUTICOS, L.^{da}
Rua Jardim do Regado, 21 — LISBOA

Comprai e dai a lêr aos vossos filhinhos o novo volume
DA BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

O PRETINHO DE ANGOLA

por CÉSAR DE FRIAS

com ilustrações de Ilberimo dos Santos

Desta narrativa encantadora, diz o crítico literário do jornal católico *As Novidades*, cujas opiniões a respeito das obras que lê se caracterizam por um severo espirito de justiça :

«O sr. César de Frias não é nenhum desconhecido no mundo das letras. Conquistou já um renome literário dos mais ilustres e é um jornalista de muito valor.»

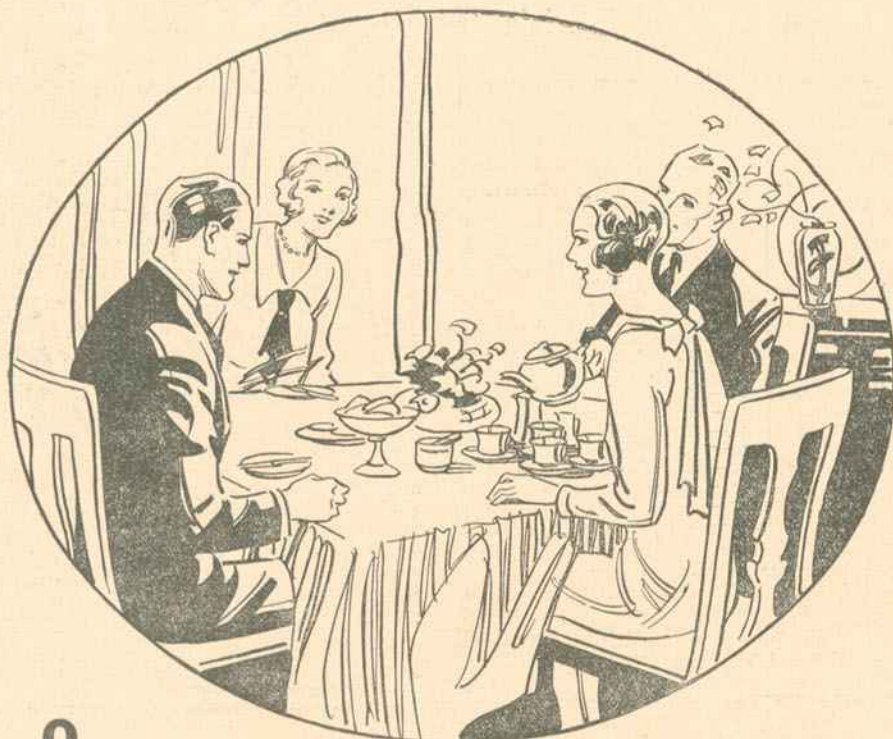
«Temos de louvar incondicionalmente o seu último livro. Escrito em linguagem correctíssima, arejada de beleza e de graça, desenha com mestria o carácter das personagens em acção.» «Inculca no ânimo das crianças muitos conceitos sábios da vida, conhecimentos úteis e até belos sentimentos patrióticos.» «Obra de mestre e grande mestre, *O Pretinho de Angola*. Uma novela que as crianças hão-de apreciar muito e que honra o sr. César de Frias.»

Preço: Esc. 5\$00

A' venda na Filial do DIARIO DE NOTICIAS

Largo de Trindade Coelho, 10 e 11

E EM TODAS AS LIVRARIAS



O

Verdadeiro Acolhimento

completa-se, oferecendo-se uma bebida agradável e que possua renome universal. A mesa de chá tornarse-ha mais convidativa, mais distinta, se a qualidade fôr



CHÁ HORNIMAN



Sómente em pacotes

de 14—50—125 e 250 gramas.



ILUSTRAÇÃO

Ano VI — N.º 124

16 de Fevereiro de 1931

Director-Delegado: José Carlos da Silva

Director: João de Sousa Fonseca

Editor: Francisco Amaro

Redacção: RUA CECILIO DE SOUSA, 77, 1.º —

Telef. 2 1467 ... Composição e Impressão:

RUA DA ALEGRIA, 30 — Telef. 2 0537 ...

Assinaturas e Administração: RUA DO DIÁRIO

DE NOTÍCIAS, 78 — Telef. 2 3132 ... Publi-

cidade: RUA ANCHIETA, 25 — Telef. 2 0535 ...

Propriedade e edição de Aillaud, Ltd. e Em-

preza Nacional de Publicidade — LISBOA.



O príncipe Leinart da Suécia e a sua noiva Karin Nissvan; querem casar. O rei da Suécia não consente. Os noivos, novinhos, apaixonados, insistem e decidem-se a ir, renunciando aos direitos de sucessão, habitar o castelo de Mainau, no Lago de Genebra, propriedade do príncipe e que a nossa foto reproduz

CRÓNICA DA QUINZENA

Vai fértil o tempo em mascaradas. Carnaval é tempo de dansas, cegadas e outras folias; época de disfarces jocosos, de mais ou menos engenho. E daí que, por toda a parte, as pessoas mais circunspectas se põem a guinchar, divertidas, um «não me conheces?...» para intrigar os que não andam na folia.

Esta gracinha aparece por todo o mundo, nesta privilegiada época de dislates. Por exemplo, em Espanha, dizem alguns que «ainda agora a procissão vai no adros» e outros que «vai haver dansa», isto segundo os sentimentos religiosos de cada boateiro. Mas o que não há dúvida é que andam lá algumas máscaras travestidas de Liberdade, Sufrágio Universal e outros motivos jocosos. Ao que se vê, há socialistas mascarados de monárquicos, palacianos a aflantar a voz para passar por abstencionistas, etc., etc.... Chamava-se isto, no tempo do baile dos Quintalinhos, uma «cegada à história».

Também pela Itália o caso não vai melhor. O chefe do fascio está cada vez mais a dar «pancadinhas» a toda a gente e, ao que parece, a faca belicosa que diziam afiada pelo Duce era apenas de pau, coberta a estanho. Simples «reinação» da quadra. No entanto, os outros comparsas da risonha dansa, os que foram ao Brasil e disseram cobras de Gago Coutinho e pintaram a manta na Gui-

né, parece, segundo os jornais, que não levavam a cega-rega bem estudada. Enganaram-se na «entrada» e não entoaram o preciso. Daí o terem que passar para o *corrido maior*.

A sizada América também lavrou tento na maluqueira de Entrudo. Um circunspecto general, mascarou-se de rapazinho imberbe e contou uma rica anedota de Mussolini. Outra dansa... bicuda que ameaçou tornar-se da luta. Processo, fogo de vistas, bisnagada para os olhos, ...e resultado; multa e infração. Não se julga o general mas também o general não canta mais ao desafio. O apito soa. Novamente segue, maltrapilha e gingona, a dansa carnavalesca, rua fóra.

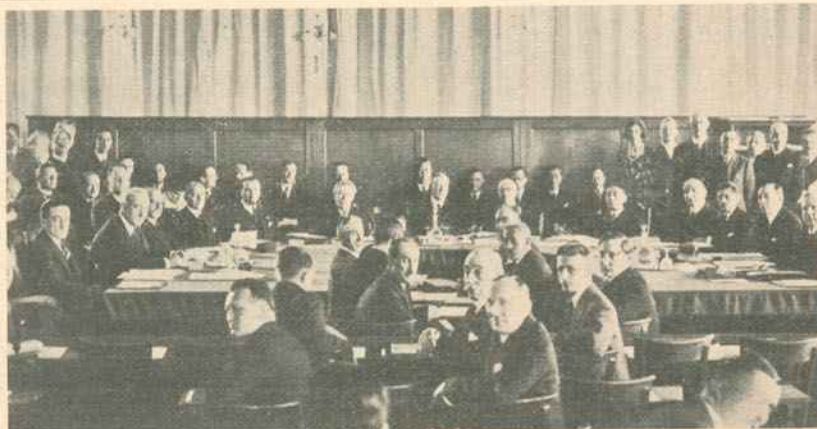
Até por cá... toma posse dum ministério um rapaz novo, cheio de talento, de fé e energia. Chovem as felicitações... invejas mascaradas de cortezia. E como o ministro não é dos que se mascararam, fazem-lhe, como se diz agora, um *assalto*. E para isso mascararam-se. Saúdam-lhe a mocidade, mascarados de mocinhos imberbes, mascarando um triste desejo de vingança e de sangue por detrás duma mascarilha de pano preto, restos de crepes engelhados de lágrimas. E destes *mocinhos generosos*, as máscaras!...—tem, o mais novo, uns trinta e muitos de idade e um século de manha política. Bem vos conheço... oh máscaras!...

AMÂNCIO CABRAL.



Pierre Laval, o homem que, neste momento, agita o pessoal fardo da chefia do governo francês, um governo de grandes atres... que poderia não ser de tranfo

A DIREITA — A sessão de encerramento da extinta e inútil conferência do Desarmamento. Na foto podem ver-se, com facilidade, Quíthones de Leon (Espanha), Curtius (Alemanha), Grandi (Itália), Briand (França), Henderson (Inglaterra), o secretário geral Avenol, o delegado japonês e Zaleski (Polónia)



(Fotos Orlins.)

EM HONRA DE MESTRE ANTONIO MARTINS



UM SINTOMA DE CIVILISAÇÃO

No gabinete francês de Pierre Laval há um subsecretário de Estado das Colónias que é negro senegalês, o senhor Diagne. Como sempre é a Grande República a dar um exemplo ao mundo, honrando uma raça de qualidades incontestáveis num dos seus filhos ilustres.

(Foto Orrios)



Nos salões da Liga Naval, com a assistência dos srs. Presidente do Ministério, ministros da Marinha e Estrangeiros e a elite da sociedade de Lisboa, foi entusiasticamente homenageado mestre António Martins, grande campeão de esgrima, uma vida já bem longa dedicada à causa nobre do desporto puro. A festa, em que se imputaram, ao homenageado as vênusas com que foi justamente agraciado, resultou brilhantíssima.

Na foto vê-se o sr. Conde de Penha Garcia pronunciando a sua allocução.

(Foto H. de Novais)



O TALENTO NÃO ENVELHECE NUNCA...

Há anos, há muitos anos que os célebres irmãos Quintero, os aplaudidíssimos autores dramáticos espanhóis, vêm, todos anos, produzindo, seguidamente, e suas afanadas agnecelas regionais, cheias dum perfume um pouco artificial mas gratíssimo à pituitaria incrédule. Os anos passaram assim sobre os gloriosos irmãos mas sem lhes diminuir o talento e as reais qualidades de poetas e homens de teatro. Assim, a sua última obra, estradada há dias em Madrid, o poema *Madrevida*, de que damos a fotografia de uma scena, obteve um sucesso verdadeiramente colossal de que participou Lola Membrives, a egrégia actriz, que a interpretou.

(Foto Orrios)

FESTA DE HOMENAGEM

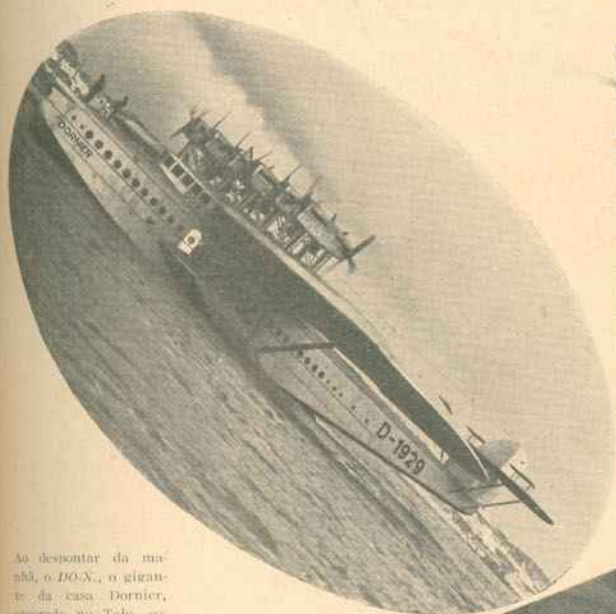
O grande nome da nossa elite comercial, o venerando Guilherme Pinto Basto, teve, há dias, uma homenagem comovedora. No dia do seu aniversário, inesperadamente, os seus empozados, que são os seus amigos e cooperadores dos seus êxitos, assaltaram-lhe a elegante residência para, espontaneamente, significarem ao bom e belo carácter que é o pai Guilherme, a sua incondicional estima e a sua dedicação absoluta pelo prestigioso chefe.

(Foto Serra Ribeiro)



A AVENTURA DO DO-X.

Exatando a bordo o glorioso almirante Gago Coutinho, o primeiro aviador que atravessou o Atlântico Sul e inventor do sextante que tem o seu nome e é, hoje, universalmente adoptado, levanta voo de Lisboa para a sua aventura transatlântica o DO-X, o navio condor, Bêlo, ao raiar do dia, passando sobre a Terra de Belem



Após desmontar da máquina, o DO-X, o gigante da casa Dornier, ancorado no Tejo, começa a pôr os seus motores em movimento. Vai partir...



(Fotos de Hordcio de Nozais)



(Reportagem exclusiva de Ilustração e absolutamente original)

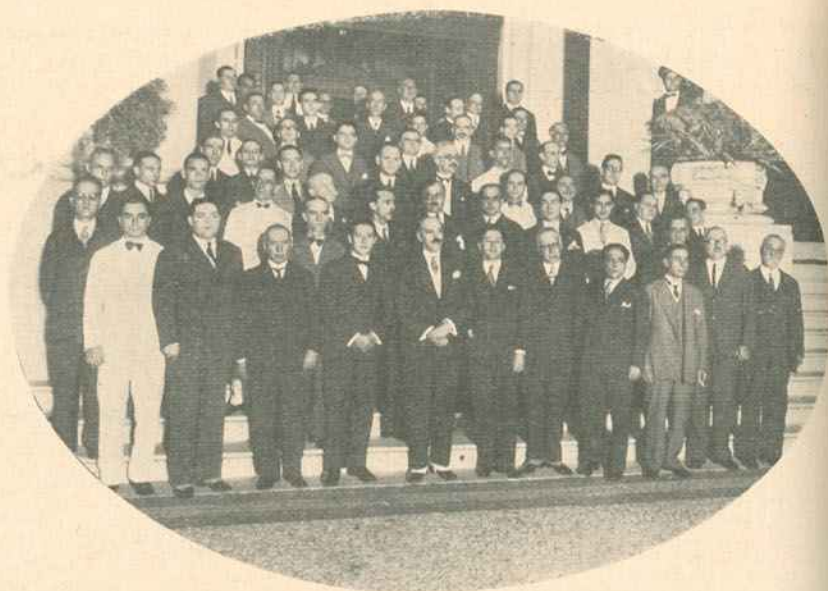
Uma fotografia única e exclusiva da Ilustração. Na madrugada, escuro ainda, num frágil barquito a gasolina, um grupo de «Águias» acompanha o mestre glorioso, Gago Coutinho, que vai, com o seu sereno e simples heroísmo, tentar de novo a travessia do Atlântico Sul, a bordo do DO-X, apesar da intensa campanha que, contra a sua ida, se levantou, em virtude das precárias condições que alguns atribuem ao famoso aparelho gigante e que a fatalidade parece confirmar, depois dos repetidos acidentes de Las Palmas. Na foto vêem-se, ao lado esquerdo de Gago Coutinho, Ruiz de Alda, o companheiro de Ramon Franco no voo do «Plus Ultra», Jorge de Castilho, modificador do «Sextante Coutinho», e Manuel Gouveia, estes últimos companheiros de Sarmiento de Beires na sua grande proeza atlântica.

Justa homenagem

A colônia portuguesa da Rio de Janeiro ofereceu ao ilustre jornalista Crisóstomo Cruz, director de *Pátria Portuguesa* e *Lusitânia* um banquete de honra no Beira Mar Casino, como prova de gratidão pelos serviços prestados à colônia. Foi uma festa deliciosa.

Justa recompensa

Na nossa foto central reproduzimos um aspecto da simpática visita do Embaixador de Inglaterra Sir Francis Lindley e sua gentil filha, acompanhado pelo sr. Pinto Basto, à linda praia de Ipanema, onde foi premiar os marítimos que salvaram a tripulação e passageiros do *Highland Hope* naufragado nas Berlengas, generosos homens que se vêem ao lado do distinto diplomata.



Uma festa brilhante

D. José de Verda (Mairô), perfeito homem de desporto e rapaz da mais alta estação no nosso meio elegante, campeão que foi de tennis de Portugal em anos seguidos, muitas vezes internacional, despediu-se de seus amigos e camaradas por se ausentar de Portugal por muito tempo. Um banquete reclinado, a volta do prodigioso campeão, uma pleiade brilhantíssima de homens de desporto e de sociedade que o homenagearam calorosamente.





VEJAM!...



A VIUVA DO RAJAH...

Fra uma vez um rajah indiano, fabulosamente rico, que governava o Rannagar e tinha quatro esposas e um filho adoptivo, Morio o rajah, partilhas litigiosas e a sua esposa mais jovem Chattri Kantari Devi, que vemos na foto, veio a Inglaterra apelar da sentença que atribuiu três milhões de libras ao enteado, Mahon Bikan. E para a apelação serviu-se a viuva... inconso-lável, do solicitador M. T. Hunter, que é a segunda figura da fotografia ao lado.

(Foto Orrios)



ARTE FOTOGRAFICA



Realizaram-se em Lisboa, 41-timamente, dois grandes certames fotográficos de indiscentível interesse. A grande casa Kodak levou a efeito um dñles, para amadores (em cima, à esquerda) onde um dos primeiros premiados foi o nosso colaborador João Martins. Por sua parte o Diário de Notícias realizou a exposição final dos trabalhos recebidos para o seu Grande Concurso Fotográfico (em cima à direita e em baixo) que obteve um êxito formidável e em que, nos amadores, foi premiado também João Martins e nos profissionais, entre outros, Horácio de Novais, nosso reporter.



B E M TE CONHEÇO OH MASCARA!



G. C.

De descobridor. Paixão pelo navio à vela percursora da paixão pelo «máscara». Pronto a voar à lua mesmo sem uma de... D. O. X.



Dr. B. C.

De Ateniense. Pêricles... periclitante em mármore do Pentélico. Espírito concentrado, de enorme cultura... bacilar. Um frasquinho...



Dr. J. D.

De corteção (livra!) de D. João V, freirático e olheirento, belo, «púbilas» em alvo e mote nos lábios para os serões... da Academia.



E. B.

De cabeludo «Rei-Girassol». Peruca de Velho... de Entrado, «Corslet», «soutiens»... Um «chevalier» traduzido em «patois». Ninguém te conhece oh «salsa»!



J. B.

De dito errante, mas vestido à época em que Deus andava pelo mundo para caçar um convitezinho para a Ceia... do Senhor...



Ch. P.

De «Sua Alteza» Talma. Elegante como um «zê Maria Petrónia» do Fórum, que mais depressa abre as vistas... do que a bolsa.



A. N.

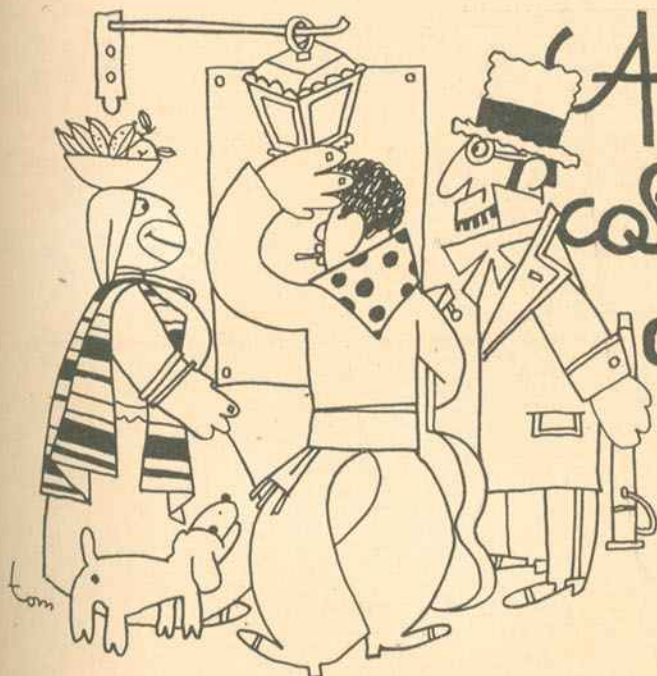
De hieroglifo, mas com todo o salero. Quiseram-no riscar da confraria do «traco» mas traçou vida sem traça nem risco com os seus traços...

OU DE QUE DEVIAM “VESTIR-SE” OS HO- MENS NOTAVEIS



A. F.

De idade da Pederneira. Única maneira de, com tantos atritos, ter «centelha»... se lhe não faltar a isca...



A polícia de costumes no século passado



Sem comentários, apenas acompanhado do adjectivo *picaresco*, mandam-nos de longe um documento do século passado no intuito claro de frisar as *letras gordas* do funcionário que o subscreeveu. Com intuito diferente, explicado pelas considerações que abaixo inserimos, oferecemos aos leitores o curioso espécime da legislação dos julgados baianos:

AFONSO DE NORONHA PIRES FRANCO,
FISCAL APROVADO PELA CÂMARA DESTA
VILA ETC.....

SEM COLEIRA, BÔLA ME VALHA. AINDA QUE SEJA DESSÉS DE CABELINHO BRANCO AMARELADO.

8.º — É PROIBIDA A VENDA DE LEITE COM AGUA OU AGUA COM LEITE, PORQUE PREJUDICA OS NEGOCIOS LÁ DA MINHA DONA. QUEBRAREI A CUIA DO VENDILHÃO.

9.º — BOI OU VACA DEITADO NA RUA, DE NOITE, SEM LANTERNA NOS CHIFRES DE MODO QUE OS ANDANTES NÃO OS VEJAM DE LONGE — MULTA DE 5\$000 RÉIS.

10.º — CANTADORES DE MODINHAS DESAFINADAS, ALTA HORA DA NOITE, NA PORTA DAS CAÇOILAS — CADEIA DE MANHÃ PORQUE NÃO QUERO ESSES DESAFOROS CÁ PELOS MEUS DISTRITOS.

11.º — NINGUEM PODERÁ ANDAR ARMADO COM ARMAÇÃO ALGUMA, NEM PAU NA MÃO, QUE É PERIGOSO — MULTA DE 4\$000 RÉIS.

12.º — NEGRA OU MULATA QUE ANDAR NA RUA, DE NOITE, TODA SE REQUEBRANDO — CABEÇA RAPADA E MEIA DUZIA DE BÓLOS PARA EVITAR DESAFOROS DE CERTOS VELHOS QUE ANDAM DE RIXA COM AS SUAS MULHERES.

13.º — TODA CONTRAVENÇÃO OMITIDA NESTA POSTURA SERÁ RESOLVIDA CÁ PELO MEU ENTENDIMENTO.

É PARA CONSTAR E NÃO DIZEREM DEPOIS QUE NÃO SARIAM, MANDO PREGAR ESTE NA PORTA E NA FRENTE DO BOTICÁ-

RIO, LOGAR ONDE SE FALA DA VIDA ALHEIA.

O FISCAL GERAL

Afonso de Noronha Pires Franco

Se o leitor riu de mofa ao ler a prosa do fiscal Noronha, procedeu levemente. O documento não é para rir. Entre Pires de Noronha e os legisladores vulgares há um abismo. Enquanto estes, jungidos ao chavão literário dos códigos secos se parecem com todos os que os antecederam e com todos os que lhes não de suceder, o fiscal baiano mantém, mesmo quando legisla, uma individualidade marcada. É ele. É Pires de Noronha. É esse cunha vende leite sem água.

É o moralista que não consente *mulatas* requebrando a horas mortas, nem pretos sem bilhete, nem portugueses de braço dado com negras...

Para além de todos os códigos, acima de todas as ordenações põe ele o próprio entendimento e para que todos saibam e não invoquem baldadamente a ignorância da postura, à porta do boticário a manda afixar, pois ali, certa e assegurada lhe está a publicidade...

Se todos os que legislam fôsem psicólogos como o Fiscal de Catimbão, mais pitorescos seriam os compêndios e, quiza, melhor regidos os povos, porque, verdade, verdade, em pouco está a felicidade colectiva.

Para que o mundo das guerras e dos enredos fôsse um paraíso bastava que a risca fôsse cumprida a segunda determinação do edital.

Se nenhum animal pudesse roer na vizinhança, este mundo seria o melhor de todos e mestre Pangloss o único filósofo aproveitável.

CASTELO DE MORAIS.

1.º — FICAM PROIBIDOS TODOS OS REGOS.

AQUELES QUE NÃO MANDAREM TAPAR O QUE TIVER, BEM COMO TODOS OS BURACOS, SERÃO MULTADOS EM 20\$000 RÉIS.

2.º — NENHUM ANIMAL DA ORDEM DAS CABRAS PODERÁ ROER NA VISINHANÇA.

3.º — TODO QUE TIVER SEU PORCO, QUE O TRAGA BEM SEGURO, POIS, SE ANDAR SOLTO MULTA DE 5\$000 RÉIS.

4.º — NENHUM COMERCIANTE OU TAVERNEIRO, AINDA MESMO CORONEL DA GUARDA NACIONAL, PODERÁ VENDER FARINHA EM CUIA, QUE É LADROEIRA — MULTA DE 20\$000 RÉIS.

5.º — NEGRO SEM BILHETE, TARDE, DE NOITE, É LADRÃO — MULTA DE 20\$000 RÉIS.

6.º — PORTUGUÊS DE BRAÇO DADO COM NEGRA CATIVA, DE NOITE, É FÁBRICA DE MULATOS SEM VERGONHA E MALCRIADOS. CADEIA NOS DOIS (UM EM CADA XADRÊS POR CAUSA DAS DUVIDAS).

7.º — TODO O INDIVÍDUO DE RAÇA CANINA



Assistência elegante ao baile de caridade que, em favor da simpática instituição «La Layette», se realizou na sede dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, na rua Camilo Castelo Branco.



A DIREITA — Gentilíssimas crianças de famílias da nova sociedade, discípulas da exímia professora de dança M.^{me} Britton's, nos números graciosíssimos que desempenharam na matiné infantil de caridade na Sociedade de Belas Artes.

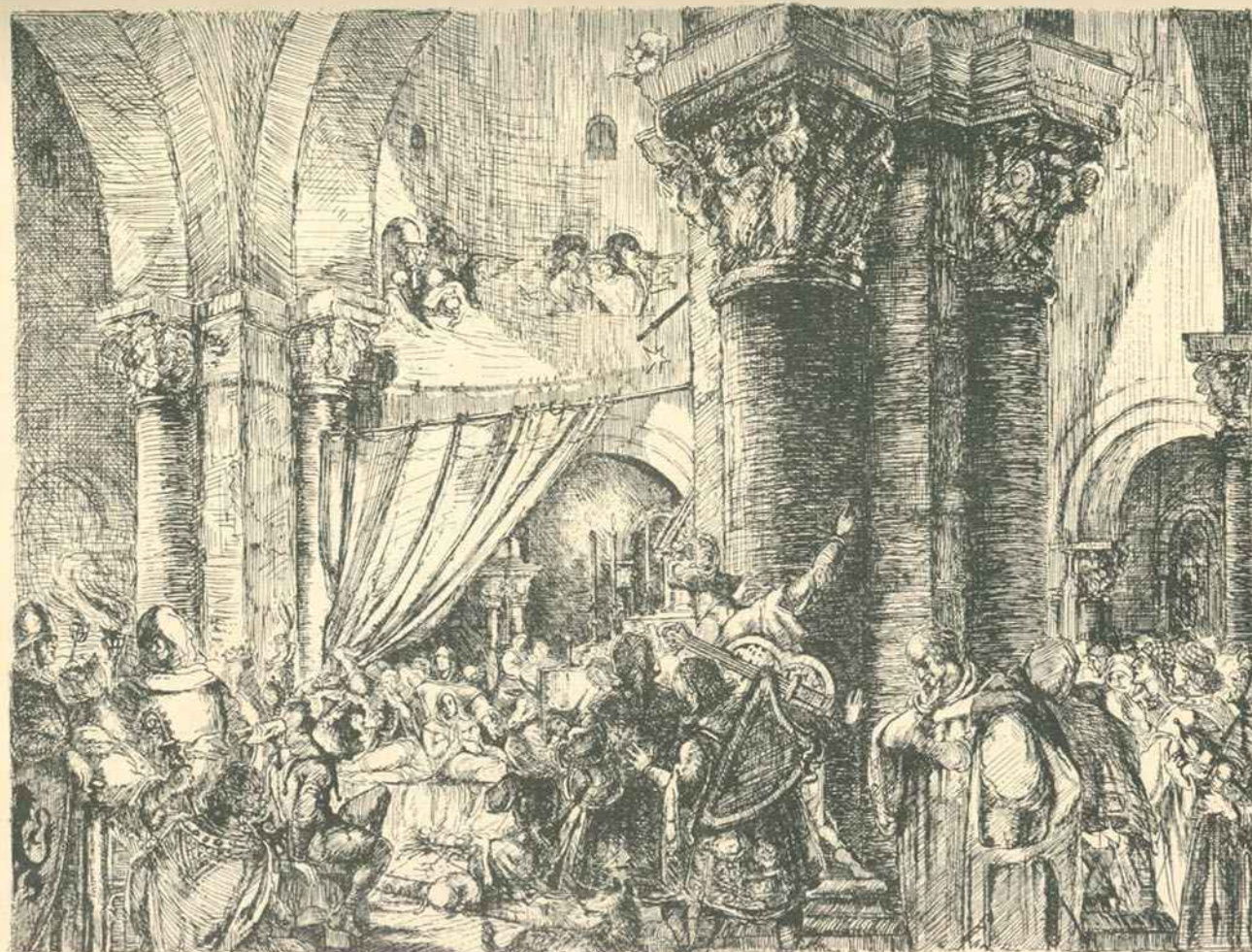


A ESQUERDA — Grupo de gentílimas senhoras e rapazes da sociedade de que assistiram ao gracioso e animado baile elegante na residência do Ex.^{mo} Sr. Adriano Carlos Dória.

EM BAILE — Senhoras da illustre colônia transmontana em Lisboa, que assistiram aos bailes animadíssimos realizados na sede do Grémio de Trás-os-Montes.



A ESQUERDA — Aspecto do animado baile efectuado, na noite de Sábado 30, no vasto salão da Sociedade Nacional de Belas Artes e que foi uma das festas mais alegres da temporada.



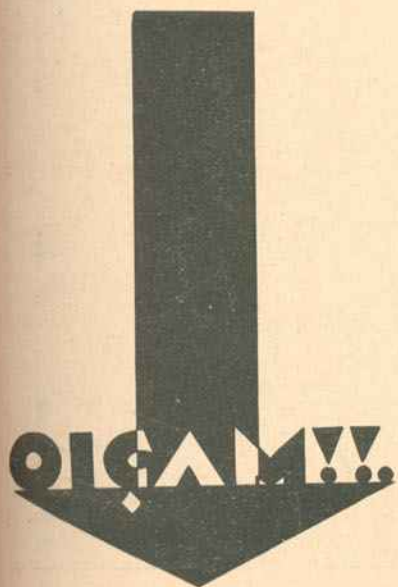
Representação litúrgica

numa igreja

(Edade Média)

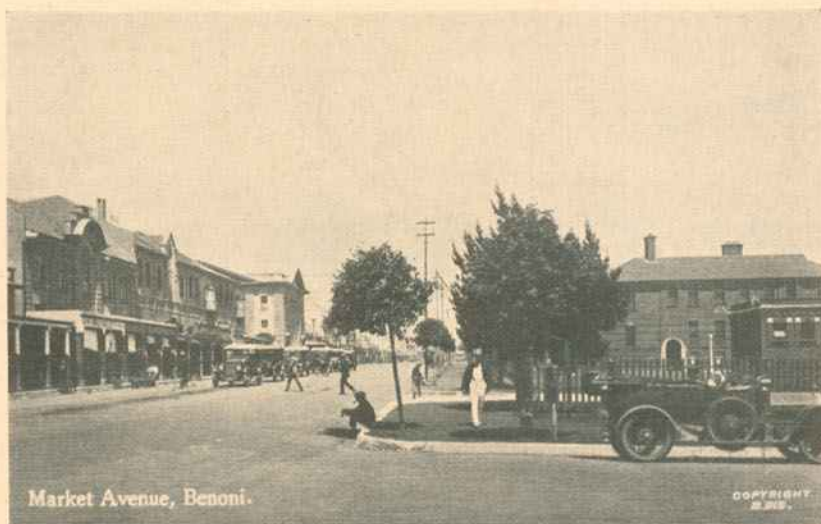
Composição de D. Carolina Santos

O R A N D



**O que é
o enorme
progresso do
Rand e o que
ali representa
o esforço dos
indígenas
portuguêses**

**Oiro por silicose – Uma
viagem pelos campos
cujo sub-solo é
oiro e platina**



O Rand...
Muito se tem dito sobre o Rand e todavia pouca gente sabe o que é o Rand apesar desta riquíssima região estar ligada à nossa África Oriental. Se o Rand, com todas as suas enormes riquezas, não existisse, o progresso da cidade de Lourenço

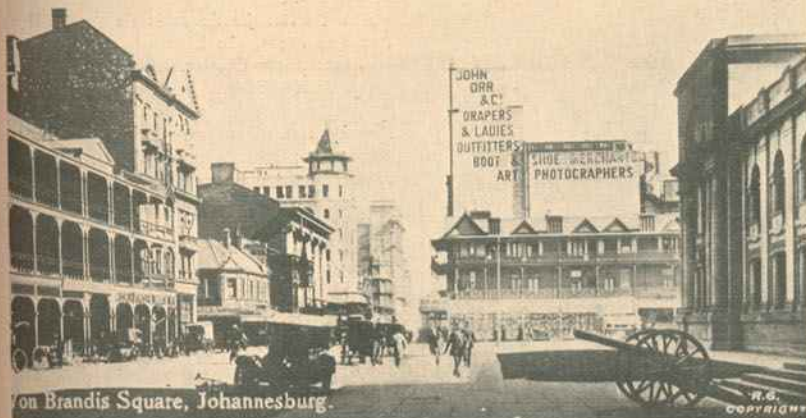
Marques não alcançaria a etapa que já alcançou, possuindo hoje o porto mais bem aparelhado de todo o continente negro.

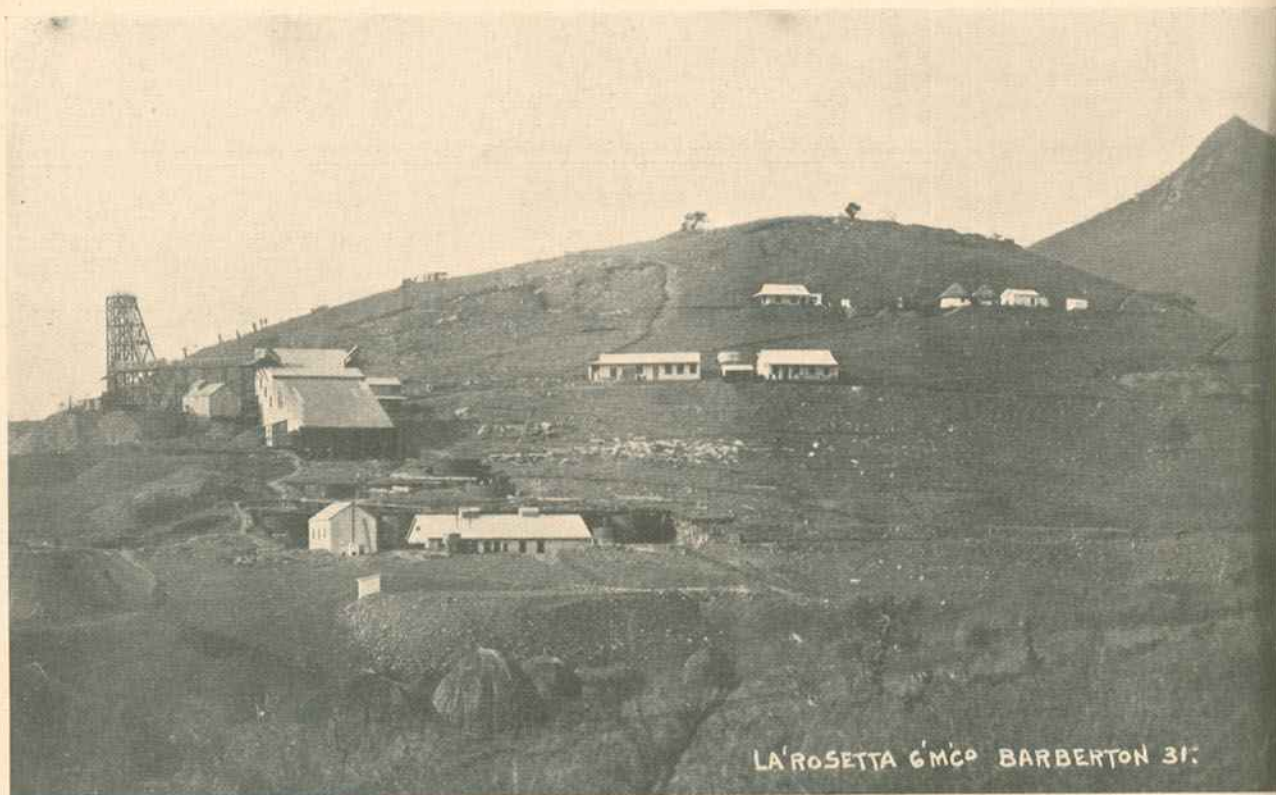
O Rand está ainda ligado a nós mais intimamente. É que temos lá cerca de 100 mil nativos moçambicanos. Manda o Rand para Moçambique algum ouro? Em compensação Moçambique exporta para o Rand a sua mais robusta mocidade nativa a qual é recambiada passados anos, como gente atrofiada e ferida pela silicose, tuberculose dos mineiros e que tanto se tem desenvolvido não só na nossa colônia de Moçambique mas, ainda na nossa colônia de S. Tomé como o passamos a demonstrar.

O sr. dr. Arnaldo de Lemos é um dos médicos mais distintos que encontramos em toda a África. É facultativo em S. Tomé, tendo já exercido as funções de governador daquela colônia.

Pois o sr. dr. Arnaldo de Lemos fez um estudo que achamos oportuno reproduzir. Assim, segundo esse estudo as doenças que nas roças de S. Tomé, conservavam maior mortalidade até 1917, eram as doenças de aparelho digestivo. Na roça Rio do Ouro, por exemplo, deram-se em 1916, 261 casos de doenças do aparelho digestivo contra apenas 35 de doenças do aparelho respiratório.

Depois de 1917, isto é: depois de S. Tomé começar a importar em maior escala os in-





LA'ROSETTA É'MCO BARBERTON 31.

digenas de Moçambique a tuberculose passou para a primeira plana. E a propósito diz-nos o dr. Arnaldo de Lemos:

«Não tenho estatísticas anteriores a 1915, mas recorde-me bem que, quando comecei a exercer a clínica nas roças era raríssimo encontrar-se um caso de tuberculose pulmonar. Foram os indígenas de Moçambique os grandes disseminadores da tuberculose em S. Tomé. Alguns tinham já trabalhado nas minas do Transvaal e ali tinham adquirido a tuberculose e outros tinham tido lá os irmãos ou parentes e, no regresso, vivendo em comum, tinham-se contagiado.

«Já escrevi numas *Notas sobre questões de saúde*: Os casos de tuberculose pulmonar nos angolas são raros; nos moçambicanos não sucede outro tanto, vindo muitos d'elles

com a doença em estado bastante avançado. Convinha chamar a atenção de quem de direito para este assunto de maior gravidade. Difícil é evitar os contágios; e se a semente continuar a entrar em abundância os casos aumentarão e os angolas muito em breve começarão a pagar o seu tributo.»

O estudo do sr. dr. Lemos é acompanhado por mapas demonstrativos do grande desenvolvimento da tuberculose nos indígenas que vão de Moçambique mas que estiveram nas minas do Rand ou conviveram em comum com indígenas que lá tivessem estado.

Consequentemente algum ouro que entra em Moçambique, vindo do Rand é o prego porque nos custa a propagação da tuberculose nas nossas colónias de Moçambique, de S. Tomé, e possivelmente da nossa Angola.

Mas deixemos este assunto e vamos ao que importa, ao Rand.

Que admira que Johannesburg, cidade edificada depois da guerra anglo-transvaalana, isto é, há pouco mais de 30 anos, seja hoje uma das maiores cidades de África, podendo ombrear com uma das mais desenvolvidas cidades europeias?

A guerra com o Transvaal fez-se por causa do ouro do Rand e Johannesburg está no centro do Rand. Todo o seu sub-solo está minado por infindáveis galerias, donde têm extraído muitas toneladas desse precioso metal, ouro arrancado às entranhas da terra, na sua maioria pelos nossos indígenas.

Que admira, pois, o grande progresso de Johannesburg e de outras cidades situadas no Rand como Benoni, se estas cidades constituem o Rand e se o Rand está assente sobre ouro e platina e só destes preciosos minerais vive?

Numa extensão de mais de 100 quilómetros quadrados, são tudo minas em exploração, mas minas de ouro. E depois, acaba-se a riqueza além desses 100 quilómetros? Não! Em volta de Witbark são minas de carvão; Pretoria tem diamantes; Barberton tem ouro e asbestos; Lydenburgo platina, descoberta recentemente e ao que parece possui desta mineral as maiores minas do mundo.

A grande vida de Johannesburg ou seja do Transvaal se resume em dois grandes edifícios que se erguem imponentemente no coração da cidade. É a Bolsa onde tantos milhares de fortunas se têm feito e é o Rand-Club onde tanta combinação de poderosas companhias se tem produzido.

Mas vamos percorrer o Rand. O leitor que nos acompanhe. Meia hora depois de sair



The Rand Club, Johannesburg

mos de Johannesburg, em automóvel, entramos em Germiston. Parámos em frente de uma enorme edificação. É o *Pass Office*, repartição de negócios indígenas, onde se encontra um escritório de modesta aparência, o qual é uma inspecção da Curadoria portuguesa. Nesta área trabalham 15 mil mineiros indígenas de Moçambique. Depois deixando Germiston passamos rente à *New Primrose*. É colossal o exterior desta mina. Sobre montanhas de terra extraída das profundezas, sobem e descem, num movimento contínuo, permanente, centenas de vagonetas, as quais, cá debaixo nos parecem carrinhos de brinquedos. A montanha onde essas vagonetas trabalham tem mais de 200 metros de altura. E essas vagonetas transportando o minério que recebem do formidável elevador, caminham ligeiras em direcção aos poderosos engenhos.

Depois atravessamos, mais minas. Caminhamos sobre outra, de platina, durante mais uma hora até que chegamos a Boksburg. Nuvens de fumo expelido pelas poderosas chaminés da *Earts Rand Propriety Mine*, cobrem o sol. Esta cidade tem também o *Pass Office* onde existe o gabinete da fiscalização portuguesa. Toda a região que depois atravessamos está cheia de postes telegráficos e telefónicos. Aqui e ali, grandes fábricas de fundição de ferro, refinação de ouro, de produtos químicos, de pólvora, etc. E todas estas fábricas formam, com os engenhos das minas uma grande fábrica. É uma fábrica que mede mais de 100 quilómetros quadrados e que abrange todo o Rand. E sempre com uma actividade extraordinária, dando-nos a impressão que atravessamos a Westfália onde se encontram as fábricas Krup, o automóvel que nos conduz chega enfim a Benoni. Aqui, a Curadoria portuguesa está



instalada em edifício próprio. Só nesta área temos 30 mil indígenas moçambicanos. O nosso carro continua a caminhar. Vamos em direcção da *Modderfontein Bee*. Continua sempre a mesma actividade. Fábricas e mais fábricas, e no sub-solo, até uma profundidade de 9 mil pés, trabalha um outro mundo. São negros comandados por chefes brancos. E esses negros na sua maioria são indígenas moçambicanos; e esses brancos na sua totalidade são ingleses, ou transvaalianos.

Depois de percorrermos algumas dezenas de quilómetros, sempre sobre minas de ouro, e quasi que asfixiados por aquêlê pó que é o causador principal da *silicose*, entramos finalmente, na *Modern Bee*, que é a mina,

mais profunda do mundo e aquela onde quisemos descer.

Não cabe num simples artigo a descrição do Rand assim como a nossa viagem às entranhas da terra. Do que ali vimos e observámos, daremos conta em um dos próximos artigos. Todavia não queremos fechar estas notas sem expormos a opinião dum engenheiro inglês, muito entendido e que lá longos anos trabalha no Rand.

Assim segundo esse engenheiro, Mochico, planalto no sul da nossa Angola é a continuação geológica do Rand. Sendo assim, que riquezas não temos por explorar?

É uma questão de iniciativa... e de dinheiro, sobretudo.

PEDRO MICALHA.



MAIS um ano em que se procede, por todo o mundo, à farça da eleição das *Misses* para o concurso de beleza mundial.

Está realizada a primeira eliminatória da festa; a eleição de *Miss Europa 1937*.

Como sempre, foi uma eleição... com muitas chapeadas. Não importa. O *negociosinho* do senhor de Walleffe continua a render.

Que importa o lado moral do caso, o crime de arrancar à sua honrada modéstia um punhado de raparigas para as lançar ao pasto da publicidade e... da aventura? Que importa?... Que importa isso ao pitoresco empresário da farça?...



Uma das concorrentes que todos os artistas, excepto os do júri, classificaram como de notável formosura, M.^{me} Rodé, Miss Grécia



Miss Alemanha 1937, Ruth Ingrid Richardt, que foi a mais próxima rival de Miss Europa

NO MEDALHÃO CENTRAL — Miss França que também conquistou, em Paris, o título de *Miss Europa 1937*; Jeanne Juilla, da Gasconha, e cuja beleza faz duvidar da competência do júri do senhor Walleffe



Uma das concorrentes mais garbosas, Emelina Carreño, Miss Espanha 1937 e que, este ano, felizmente, foi a única concorrente da península

AS RAINHAS DA BELEZA DE 1937



A título de curiosidade, à direita, damos a fotografia das concorrentes a uma das eliminatórias parciais; a disputa do título *Miss Madrid 1937*. Quantas caras mais belas do que a de Miss Europa?... E porquê?...

EUAA!!!

Diálogo

ESPERANÇA — Saúdade, não estejas triste. Repara como está lindo o Sol.

SAÚDE — Não estou triste. Agora quasi que estava alegre.

ESPERANÇA — Ninguém dirá.

Tu raramente sorris, e o teu sorriso é tão triste que mais parece uma lágrima. Eu não gosto da tristeza.

SAÚDE — Porque és a Esperança. Vives o dia de amanhã que sonhas belo, pensas na hora que há-de vir e imaginas que ela será melhor do que a que passa... Eu só olho para trás, vivo de tudo quanto passou e não volta mais. É tão bom recordar um beijo que se deu, um olhar que se trocou, uma lágrima chorada!... Até o que nos fez sofrer sabe bem recordar. Eu não tenho «amanhã» — vi-o do que lá vai...

ESPERANÇA — Dizem que tu és Portuguesa! Os poetas sempre têm cada uma! Os portugueses são alegres e tu és triste, não podes ter nascido neste país de sol ardente. Olha para esses campos, nas eiras ao luar, como as raparigas cantam alegremente. Vai a uma romaria e vê lá se topas a tristeza... Só se estiver escondida, envergonhada nalgum canto, escondida pela alegria da música, pelo estalar dos foguetes. Corre Portugal inteiro e verás que os portugueses foram fadados por Deus para serem alegres. A saúde e a tristeza vivem nas vielas, inventaram-nas os homens para se torturarem. Não, tu não podes ser portuguesa. Deves ter vindo dalgum país longínquo e triste, sombrio e nebuloso.

SAÚDE — Os portugueses são tristes, poetas e sonhadores. Eu vivo na alma de todos eles.

ESPERANÇA — Mentira. São alegres, bravos, corajosos e sádios. A saúde é dos fracos; dos fortes é a alegria, a Esperança, a sagra-da alegria de viver. Os portugueses são alegres, trazem-me todos na luz do seu olhar. Sou eu que os faço ter fé no dia de amanhã, sou eu que lhes dou resignação na horas de amargura, em que a desgraça lhes bate à porta, sou ainda eu que os faço acreditar no Amor. E o Amor, minha velha, se não fôsse eu, já tinha morrido há muito tempo.

SAÚDE — O Amor é uma lágrima.

ESPERANÇA — É um sorriso — e um beijo.

SAÚDE — O Amor é triste como a noite...

ESPERANÇA — É alegre como o sol. Põe sa-bor a mel nos lábios dos namorados, é por isso que é tão bom beijar.

SAÚDE — Um beijo pode envenenar uma vida.

ESPERANÇA — E faz cantar a primavera na



alma. Um beijo de amor é uma epopeia de glória.

SAÚDE — Que lembra, tristemente, uma vida inteira.

ESPERANÇA — Que se renova em cada hora, em cada novo beijo. Sou eu que torno alegre o Amor e confiantes os namorados.

SAÚDE — Que o ciúme envenena...

ESPERANÇA — Eu venço o ciúme. A Esperança entra sempre num coração amante. Repara em como brilha, alegre, nos olhos dos namorados! Há-de vêr-me sempre à beira de cada altar. Sou eu que os levo lá, com a Esperança da felicidade. Há-de vêr-me sempre no olhar da mãe quando lhe nasce um filho, e repara como me torno grande, épica, sublime, nos olhos dum herói a caminho da Glória. Portugal é grande porque eu existo. Eu sou a Vida. Saúde, o que seria a Vida sem mim?

SAÚDE — Seria a realidade. É perigoso sonhar. Depois duma esperança que se perde, uma saúde que fica eternamente. Eu sou a única coisa eterna da Vida. Sabes lá como é bom ter saúde! Esperança, pode-se ter de mil coisas que nunca se alcançam, a esperança é a mentira, eu, sou a verdade. Sou eu que faço viver eternamente no coração dos homens a lembrança de todas as horas boas. Sou eu que faço lembrar os mortos e os ausentes. Há até quem tenha saúde duma esperança que perden. Porque não gostas de mim?

ESPERANÇA — Porque és triste.

SAÚDE — É porque penso.

ESPERANÇA — Mas eu sou alegre...

SAÚDE — É porque sonhas. A Vida é uma Saúde eterna, a saúde do que nunca chega.

ESPERANÇA — A Vida é a Esperança no que há-de vir. Eu vivo nas almas moças e nos corações amantes. Brinco nos lábios que sorriem...

SAÚDE — E eu nos corações que sofrem.

ESPERANÇA — Adeus, Saúde. Não nos entendemos, por isso raramente nos encontramos.

SAÚDE — É que só me acham depois de te perder. Eu sou a Verdade, tu a ilusão.

ESPERANÇA — Que todos desejam.

SAÚDE — Mas que não amam...

ESPERANÇA — O Amor é um sorriso.

SAÚDE — Que a Saúde faz chorar...

ESPERANÇA — Eu sou a mais amada...

SAÚDE — Vaidosa...

ESPERANÇA — Chorona...

LIVROS

Mercedes Blasco, dentro de cinco ou seis anos, se conservar a sua magnífica actividade literária, terá uma das mais extensas obras das letras portuguesas. Periódicamente, em espaços muito curtos, esta escritora de tão fácil e atraente prosa, lança a público um novo livro. Agora versos, logo



contos, depois crônicas ou novelas, tudo vai rodopiando pelas montras das livrarias e tudo o público vai comprando, atento sempre ao nome festejado duma das suas escritoras preferidas. Este *Uma mulher que acreditou no amor*, parente, pelo título, das célebres novelas de Insua, tem um interesse indiscutível. A prosa, de ordinário frívola, da novelista, ganhou densidade e o arcaboço dramático, embora retocado a leves tintas, tem solidez e originalidade construtiva. Em resumo: uma boa novela de amor no género, tão especial, em que Mercedes Blasco vinhou o seu lugar indelévelmente.

A imprensa periódica tem, por fim, o seu «compêndio». *Grandeza y servidumbre de la prensa* é um livro único na bibliografia peninsular. Ainda se não tinha abordado, com efeito, um tema tão sugestivo e instrutivo como este, revelando aos leitores as intimidades e o funcionamento da «grande imprensa» mundial. Nesta obra, escrita com um objectivismo perfeito, em estilo vivo e dinâmico, com documentação abundante, aparece pela primeira vez aos olhos do leitor o mecanismo surpreendente — e às vezes paradoxal — da Imprensa moderna com a sua rede gigantesca de empresa. Todos os vícios e todas as virtudes deste imponente



aparelho do nosso tempo são estudados e esclarecidos nesta obra pela pena ágil e cortante de Alfonso Ugria, que seguiu um sistema rigoroso de ampla crítica e certa análise e vai examinando, assim, conscienciosamente, todos os pontos do tão vasto e complexo problema. Basta pensar na enorme transcendência da imprensa moderna, como órgão dotado de milhares de ramificações que influem, decisivamente, na opinião pública de todos os países, para compreender

a grande importância e o interesse excepcional de um livro como este, que, além de profundar o tema, oferece soluções e sugestões de um incalculável valor.

Este formidável livro *Del Cantiverio*, do qual Valle Inclán disse ser superior a *Crime e Castigo*, de Dostoiéwsky, relata os horrores presenciados pelo seu autor, M. Ciges Aparicio, durante a célebre e triste guerra colonial de Cuba e Filipinas. Ciges Aparicio, espírito ativo, nobre e delicado, incapaz de quebrar a sua consciência ante o vexame e o sofrimento, conta-nos quanto sofreu neste livro plétórico de protestos e rebeldia, severo e amargo, no qual a palavra cáustica, detonante, mas sempre límpida e alada, se ergue, como um cántico, sobre a chama da fogueira.



Estas páginas fortes significam a visão e a crítica dum juiz austero e de uma testemunha que viveu os horrores que conta e pode falar como vítima de infâmias sem nome. Por que Ciges Aparicio viveu, com inteireza e varonilidade exemplares, prolongadas e terríveis horas de cativeiro nos infectos calabouços da trágica fortaleza conhecida por «La Cabaña», e naquela prisão dantesca, escutando as descargas dos contínuos fusilamentos no fosso trágico, recebeu o autor deste relato pungente as impressões que soube contar, mais tarde, com uma verdade incomparável.

É não há, em todo o livro, coisa alguma de declamatório e enfático. Uma técnica apertada, seca e sucinta, que só tem igual entre os russos, mas entre os russos mais atormentados e sinceros.

A Casa do Algarve, simpática agremiação regional, certamente inspirada pela pleiade valiosíssima de escritores e artistas algarvios que tão fortemente tem marcado o seu lugar inconfundível na vida mental portuguesa, decidiu editar os deliciosos versos que Bernardo de Passos, o grande lírico, deixou em herança a todos os portugueses. O estro inspiradíssimo do poeta morto, subjuga-nos e encanta-nos e não sabemos, da primeira à última linha da obra, qual



o verso mais delicado e sensível. A edição honra o prestigioso editor e tem graciosas e originais vinhetas em cores, de Roberto Nobre, o belo desenhador algarvio que tanto se tem afirmado. Em resumo, um dos mais belos livros de versos do momento literário.

Entre os novos de maior talento nas letras espanholas está, incontestavelmente, António Porrás, o moço autor de *Quevedo*, o ensaio primoroso, por todos os títulos notável, que acaba de ser publicado. O autor revela-se aqui um espírito crítico absolutamente notável, sereno, perspicaz, culto e entusiasta pelo seu labor. Por isso *Quevedo* é um livro completo. É uma monografia magistral cujo maior elogio é dizer-se que lembra, sem as imitar, as melhores obras de Emil Ludwig, conser-



António Porrás

vando, a-pesar de tudo, um matiz rário de espanhol que não pode deixar de ter uma obra em que é fulcro e razão Quevedo y Villegas.

O jornalismo, em todo o mundo, está tomando novos roteiros. O grande jornalismo de informação prática, a toda a hora, proezas sem conto e com tal sucesso de público que, quase sempre merece a publicação em volume quando não é escamoteado pelo editor. Assim, os modernos romances de viagens que tanto êxito têm, o que são senão as reportagens à antiga feitas por gente moderna?... E nas montras aparecem um e outro e outro livro ainda, obras de primor literário mas cujas construções e intenções são pura e meramente jornalísticas.

O último grande êxito mundial deste género, agora editado magnificamente em português, é *No país da gente nua*, reportagem completíssima, empolgante, de Luís Charles Royer às colónias nudistas da Alemanha e da França, escrita com toda a cruza e a sinceridade dum observador implacável e cheio de independência, documentados os juízos e descrições pela paralela ilustração fotográfica original. Possivelmente, para as massas, o interesse do livro serão os documentos fotográficos, mas para o leitor atento esta obra, perfeitamente sã e jornalística, revestirá a importância de lhe chamar a atenção para um movimento de regresso à natureza que vai tomando a vastidão de uma religião poderosa, visto repousar nos imortais princípios da beleza, da saúde e... até da pureza moral!... E isto, que parece brincadeira, acredita-se depois de ler o livro de Louis Charles Royer.



NOTA A ABRIR

A difusão do desporto português no estrangeiro tem sido, em todos os tempos, tão escassa, que não devemos deixar sem comentário as raras vezes que tal sucede com êxito. Até agora quasi exclusivamente coubera essa missão aos nossos futebolistas, esgrimistas e cavaleiros, que souberam grangear um conceito que por todo o mundo nos impôs ao



Charlier e Benett, os ciclistas belgas que ganharam os «Sels d'as» de Bruxelas

desportos

trouxeram os lacónicos telegramas dos jornais, dão-no batendo aos pontos o dinamarcuê Knut Hansen, um dos melhores pesados europeus, anunciando como corolário o projecto de o opôr ao gigante Primo Carnera, a grande atracção do momento.

Temos o péssimo hábito de descurar a divulgação dos acontecimentos que revelem qualquer lustre para o nome do país. Se Santa não fôsse português, já a esta hora a imprensa da sua terra o teria elevado em clamorosos artigos de encômio; assim, consegue apenas três escasas linhas perdidas na Última hora a cada novo triunfo, e uma irónica incredulidade depreciativa do seu valor no espirito da maioria dos seus compatriotas.

UM ESCANDALOSO AMADORISMO

A imprensa alemã levantou grande escândalo em volta de certas pretensões monetárias do corredor francês Ladoumègue para alinhar contra Peltzer numa prova de 1.000 metros em Francfort. Em cartas escritas pelo seu treinador, solicitava-se para êle a soma

de 1.000 marcos (um marco por metro) além de todas as despesas de deslocação e estadia.

O caso fez sensação em França e caiu sob a alçada da Federação Nacional, que vai inquirir. Claro que antecipadamente se conhece o resultado do inquérito; o treinador assume todas as responsabilidades, desculpa-se de qualquer forma, fica no conceito official como um indesejável que pretendia auferir grossos



GOLF NO ESTORIL. — S. Ex.^a Sir Francis Lindley, embaixador de Inglaterra em Lisboa, com o campeão de golfe do Norte, L. A. Clarence Kendall, e a taça do Campeonato do Estoril, por êste ganhar

respeito e à estima da sociedade desportiva.

Chegou agora a vez a um pugilista de colocar em destaque o nome português; nos Estados Unidos da América tem conseguido significativos triunfos o campeão nacional José Santa.

De combate em combate, de vitória em vitória, José Santa soube conquistar, num meio difícil e retraiado, uma posição importante, onbrando com os melhores.

As últimas notícias que a seu respeito nos



Miss Edna May Cooper, aviadora que bateu a record feminino de duração, com 42 horas e 16 minutos, e que é, actualmente, piloto duma carreira comercial

(Foto Orrios)

lucros à sombra do inocente Ladoumègue, e este, campeão incomparável, pretendente ao título de campeão olímpico, já recordman do mundo, continuará amador integérrimo, puro como pomba sem fel, aureolado ainda com o prestígio das vítimas...

UMA INICIATIVA NECESSARIA

Lisboa moderniza-se intensamente, transformando-se e completando-se em constantes reformas que tendem a fazer dela uma grande capital, digna da sua situação geográfica e das responsabilidades tradicionais do país a que pertence.

A obra da Câmara Municipal, pelo menos nos seus resultados materiais, é notável e corresponde a um plano de larga envergadura que pouco a pouco se irá desenvolvendo. Figura nesse plano a construção de um Estádio Municipal, arena desportiva digna do nosso valor, e cuja edificação se repercutiria da maneira mais favorável no nosso progresso desportivo.

O que há actualmente é uma miséria; os campos dos clubs são insuficientes e representam, tais como estão, um sacrifício constante; o Estádio do Lumiar, único com probabilidades de aproveitamento, está votado a um abandono censurável, e tende para uma progressiva ruína; o pouco que há, dentro em pouco será nada.

Lembramos à Confederação Portuguesa de Desportos quão bem lhe ficaria instar junto dos edis para que a edificação do Estádio Municipal não soffresse demora; estudem as duas entidades em comum o problema, que possuem ambas capacidade suficiente para o resolver.



Senhoras do «London Ladies Motor Club», que tomaram parte na grande prova de turismo de Croydon (Foto Orrios)

MAXIMO RAMOS



Um retrato de Maximo Ramos



Outro retrato de Maximo Ramos

UM
PINTOR
GALEGO

QUE
SE FEZ
ESCULTOR



«Modistilla madrileña»

EM BAIXO — Virgem galega



Maternidade



São Tiago

MAXIMO Ramos, o notável pintor espanhol, galego de nascimento e de raça, pensou um dia em fazer-se escultor e... conseguiu-o. Os primeiros ensaios do ilustre artista na sua nova Arte, que hoje temos o prazer de publicar, e que, mais do que ensaios, são já obras executadas com singular perfeição, trazem consigo um cunho tradicional, a nobre tradição dos santeiros de

Santiago de Compostela, que legaram, na pedra e na talha, à escultura religiosa, obras de altíssimo valor. Maximo Ramos promete ser, na escultura, como já é na pintura, um dos melhores representantes das nobres virtudes célticas, com todo o sentido religioso e popular da sua expressão artística.

NOVAIS TEIXEIRA.



NO OVAL, A ESQUERDA — LINDO E ORIGINAL CHAPEU DE GRANDE NOVIDADE, EM PANNES PRETA E BRANCA, ENQUADRANDO DELICIOSAMENTE UMA LINDA CABECITA LOIRA E JOGANDO, COM A BELA GOLA DE SKINGS



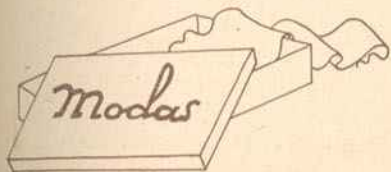
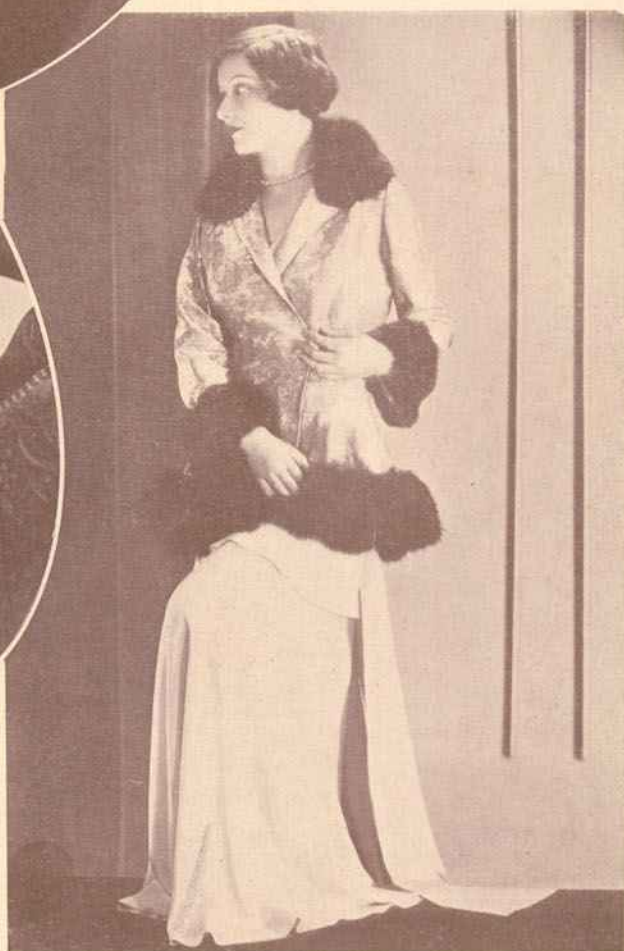
EM BAIXO — VESTIDO DE NOITE EM CREPE MARROCAIN BRANCO, COM LONGA CAUDA E SOBRE-SAIA OU TÊNICA. CASAQUINHO OU JAQUETA CINTADA, CURTA, ABRINDO EM GODETS, COR-TADA EM LAMÉ DE PRATA E GUARNECIDA DE LINDAS PELES TIBETANAS

(Fotos Bruno Winterfeld transmitidas por Orzios)



EM CIMA — LINDO VESTIDO DE NOITE EM TULE NEGRO COM RUCHES DE FITA ROSA PÁLIDO. CASAQUINHO ORIGINALÍSSIMO EM VELUDO ROSA VELHO COM APLICAÇÕES DE PELE. LUVAS ALTAS NEGRAS PERSPONTADAS A ROSA

NO OVAL — DELICADO VESTIDO DE TARDE EM CREPE MARRON OU TÊTE-NEGRE, GOLA E PUNHOS BRANCOS, CHAPELINHO DO MESMO TECIDO COM AIGRETAS



RISOS...

N um dos últimos números da *Ilustração*, um meu camarada dedicou um brilhante artigo ao «riso dos homens célebres. Faltava falar do riso das pessoas que ninguém conhece e, principalmente, do riso dos animais, que é um assunto com a maior das actualidades e é, por isso mesmo, o assunto desta crónica.

Para mim, o Riso é uma máscara que encobre e esconde os rostos bisonhos e melancólicos. Só os que se sentem dominados pela tristeza é que necessitam do carmin da alegria para que ninguém duvide da sua felicidade... Isto quer dizer que se não existisse a consciência exacta dos momentos de infortúnio não existia o Riso? Certamente. Todos os certificados de mais ou menos especta-

culosidade de contentamento, passando do sorriso até à gargalhada, são armas de defesa contra a melancolia. Saber rir equivale, por conseguinte, à arte de saber mentir. Stewart Mar-den e Henri Bergson, um escritor e um filósofo, que se deixaram arrastar pela tentação de explicar o Riso, seguiram nos seus estudos caminhos diferentes, mas por fim, ficaram próximos, na conclusão de que o Riso é a utopia mais saboreada por todo o mortal.

Eu quero crer, até, que se o Riso desaparecesse o mundo ficaria insuportável. Agora, resta explicar se, na maior parte das vezes, esse testemu-

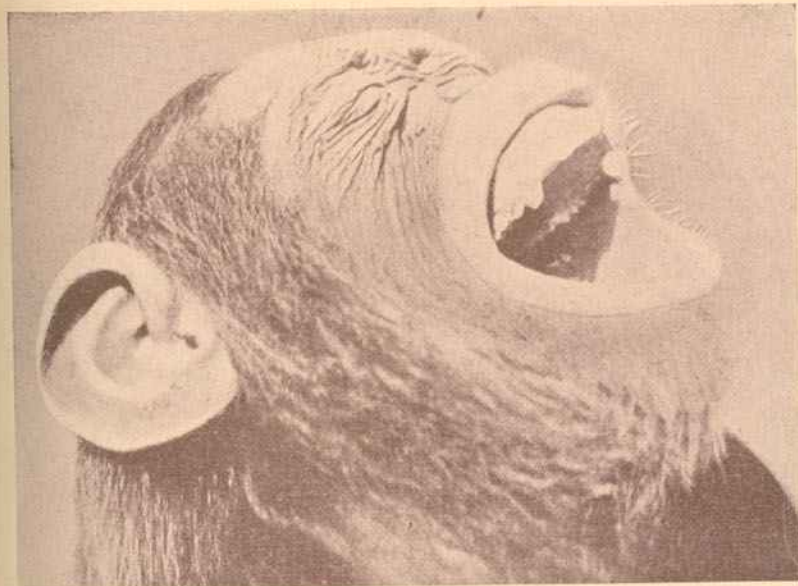


Uma foto única — O Tareco a rir...



EM BAIXO — Outro cliché curioso — O Tareco divertido...





nho de contentamento é consciente ou involuntário. Todos nós, os que caminhamos já há algumas décadas, mais ou menos acostumados a saltar obstáculos e a transpor barreiras, achamos que o motivo dos nossos risos tem sempre uma explicação mais ou menos nítida e aceitável. Isto quanto a nós... Mas, o que se deverá pensar do riso das crianças e do riso dos irracionais?

Evidentemente, deve ser admitido que há um estado latente de satisfação em cada criança ou irracional que ri. Satisfação consciente? Enigma. Satisfação inconsciente? Ninguém o sabe. Mas,

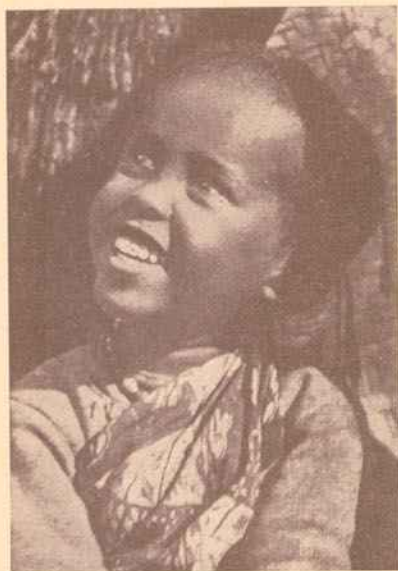
porque esta crônica é assim como as conferências modernas, que dedicam um largo espaço de tempo para projeções de documentação, vamos fazer exhibir também no écran destas páginas algumas gravuras de crianças e animais a rir, para que o leitor se aperceba de que são, na realidade, estes risos os mais difíceis de explicar.

O riso de uma criança não tem, a mais das vezes, uma natural explicação, mas é, quasi sempre, convidativo. A pessoa mais triste e mais sceptica deste mundo não sabe, nem pode resistir ao riso de uma criança. Vejam esse negrinho, encantador como um boneco de setim preto, rindo, muito feliz, e fa-

EM CIMA:
A gargalhada...
EM BAIXO:
Uma careta
humorística...

zendo rir as pessoas que olham para ele. Agora, esse outro dedito de carne, que ainda não sabe falar, mas que tem a carita banhada de alegria, como se quisesse dizer que acaba de receber uma grande e agradável notícia...

São, também imensamente curiosas as mutações que dão a um rosto muito sério a mais expressiva das alegrias. Vejam a gravura em que se revela a mecânica do riso do actor cinematográfico Carl Pröhlich. O rosto, que estava parado, lábios unidos e olhos fixos, vai sendo, a pouco e pouco animado, por um per-



O riso do macaquinho...

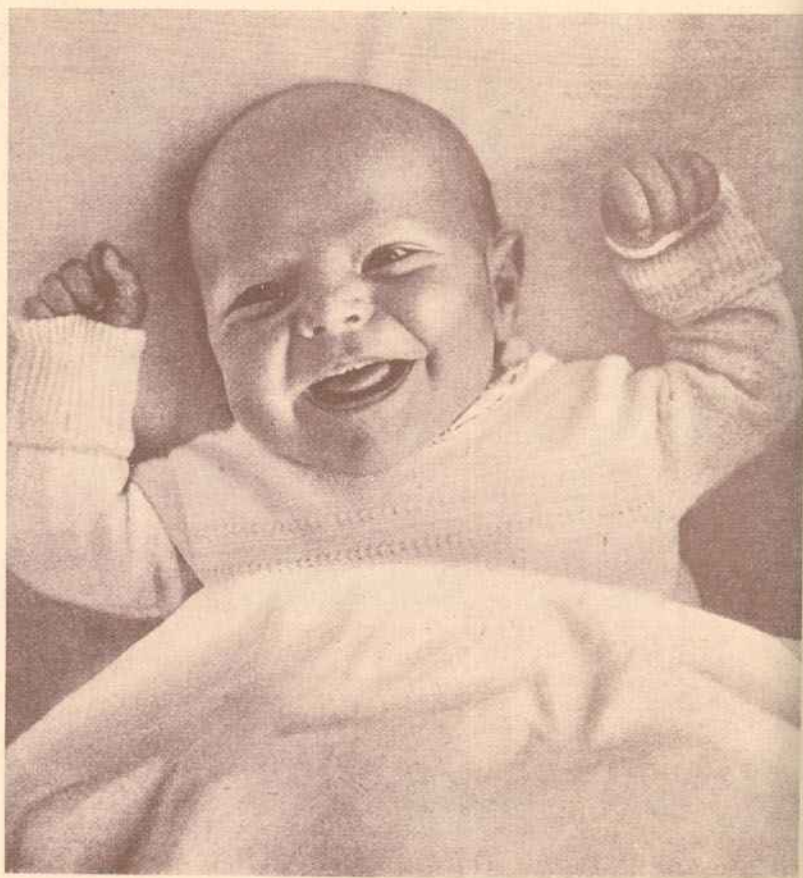
manente esforço de músculos. E, após esse esforço gradual, toda a fisionomia fica banhada de contentamento, de prazer, de ampla alegria. Toda a cara está coberta, finalmente, de um riso, que não teve origem em nenhuma grande emoção, e que foi, pelo contrário, provocado, mas que, apesar de tudo, é tanto ou mais perfeito do que o riso espontâneo.

Resta apresentar-lhe o riso dos animais. Fosse macaco a rir, que aparece em duas expressões diferentes, mostra-nos um riso bem semelhante ao do homem. Sem motivo, sem razão, pôs-se a rir diante da objectiva do fotógrafo, tal qual certos «grandes senhores» que riem, envaidecidos, de todas as vezes que lhes aparece pela frente o fotógrafo de uma grande revista ou jornal.

E há ainda quem se oponha às teorias de Darwin!?... Deve ou não acreditar-se no riso consciente dos irracionais? Chegou a altura de se hesitar, diante desse gato que está a rir, porque está a ouvir um *charleston* num gramofone. O gato é dos animais mais inteligentes, e, por isso, é de crer que esse se esteja a rir dessa música que entontecia as mesmas pernas que, por vezes, o escorçam...

O riso mais enigmático deste filme de risos é o desse tapir, que parece rir-se dos insectos que devorou, e parece, também, rir-se da precaução com que o surpreenderam. E, afinal, tudo sabe rir: as pessoas, os animais e as aves. Vejam esse pelicano a rir, a rir satisfeito, por saber vencer jejuns, por possuir uma elegância do príncipe de sangue real. E, finalmente dois gatos a jogar o box e a rir... O riso destes dois bichanos deve significar, mais ou menos, que enquanto os homens se esmurram muito a sério com esse sport, eles, os irracionais, fazem dele unicamente um pas-satempo...

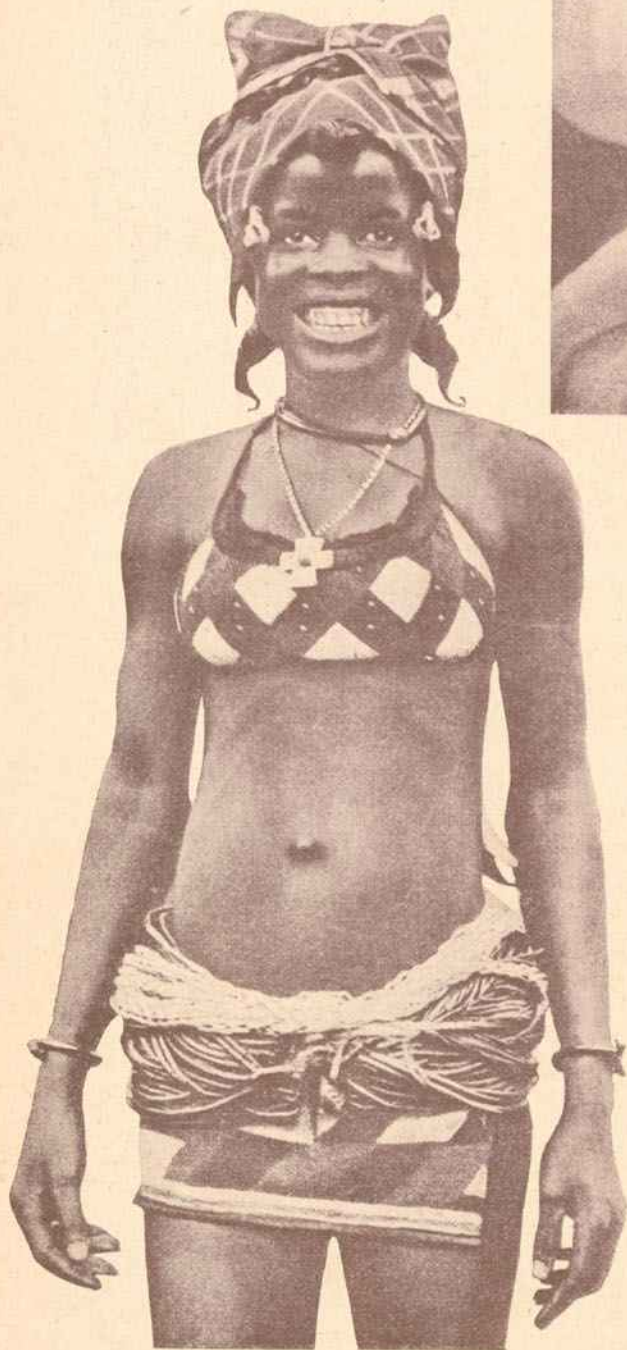
Em conclusão, não é fácil saber o motivo por que riem os irracionais. Mas, atravessamos agora o mar-alto da alegria carnavalesca, e não é nada fácil também descobrir o eston-



O mais belo dos sorrisos... o bebê...

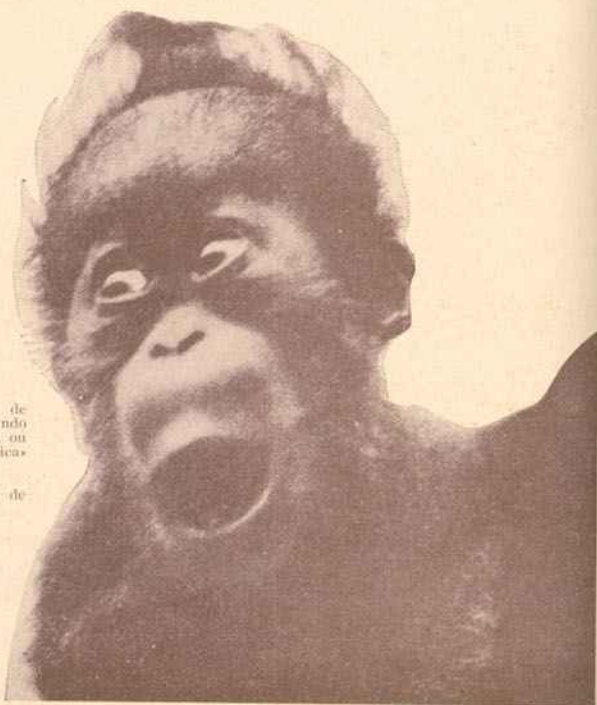
teamento desenfreado que se apoderou de cada mortal. As ruas estão pletóricas de engraçados e engraçadinhos, que gritam e esbracejam,

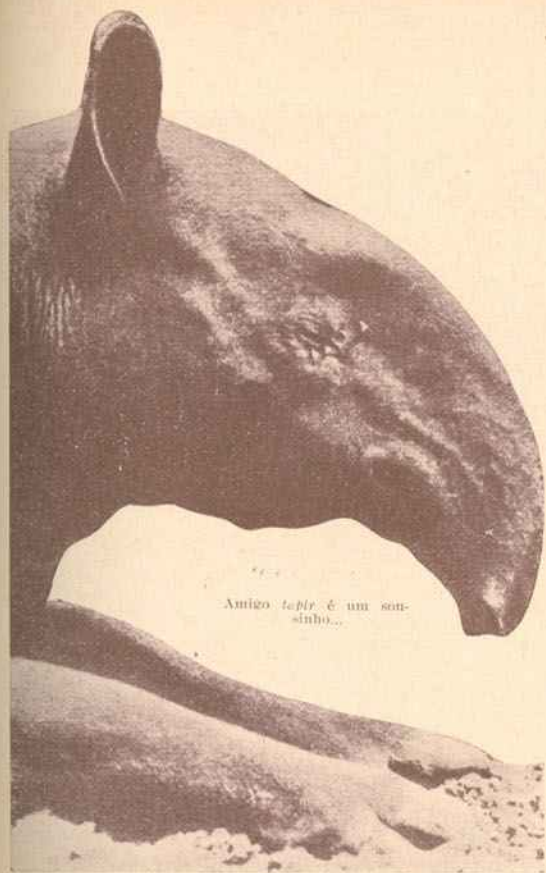
que saltam e correm, batendo palmas, rindo sempre, rindo sem descanso, rindo como dementes. Estamos na verdadeira época do riso. Quem não sabe rir, fica em casa, fecha-se no seu quarto a sete chaves... A cidade emban-



Uma «girl» de chocolate, rindo com vontade, ou «Miss Africa» 1931...

Um pândego de estalo...





Amigo teple é um son-
sinho...

deiron em riso; e há risos no ar, nas esquinas, nas ja-
nelas, nos passeios. Porque ri tanto a humanidade?
Porque estamos no Carnaval. Durante três dias toda
a gente pode ser superior às suas tristezas e desgos-
tos. Toda a gente vai achar, como é costume, que
a licença foi como uma migalha a matar a fome
de um esfomeado... Que prazer, então? Não
sabemos. Por agora, aconselhamos os mais
torturados de melancolia que façam por
imitar os animais das nossas gravu-
ras... Os irracionais não sabem a
causa dos seus risos? Talvez. Mas
sabem rir durante todo o ano; e,
a meu ver, o que importa para
se seguir sempre o caminho
da felicidade, não é procurar
saber o motivo que gerou
a nossa alegria, mas
sim não deixar nunca
de rir nem de ser
alegre.

E sendo o
Carnaval

um testemunho de incivili-
zação, onde a Humanidade
marca passos e atitudes pri-
mitivas, parece-me que os
racionais deveriam imitar
os irracionais nesta quadra
de folia.

Vejam o ridículo espectá-
culo que agora se nos de-
para nas ruas, nos teatros,
ao longo dos passeios, por
onde marcham, como nú-
vens e núvens de alucina-
dos, os exércitos loucos dos foliões.

Chegou o delírio.

E el-rei Delírio ordena, co-
manda, como um déspota,
como um ditador. Gastam-
se fortunas numa noite,
gastam-se vidas de risos
numa hora.

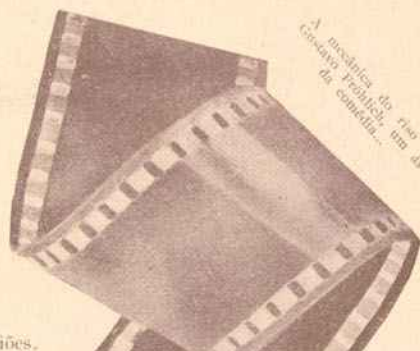
Os pobres, os que
atravessam a existên-
cia numa
permanente
descida, es-

forçam-se por
proteger, só por al-
guns minutos, a sua
queda irremediável, e
enfleiram na legião dos
elementos, de todos quantos
na época carnavalesca se jul-
gam asas de loucura. Que fica
atrás desse mundo de loucos?
Pouca coisa.

Vêm-se unicamente
montes de trapos e,
mais afastados, os
irracionais assis-
tem, surpreendi-
dos, à gargalhan-
te exibição dos
que julgam que chegam
unicamente três dias
para absorver a tristeza
do resto do ano.

Por isso mesmo, eu admiro o riso das crian-
ças e o riso dos irracionais.

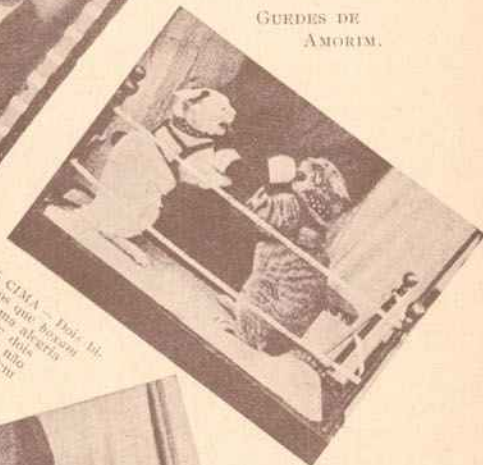
Chamam-lhes risos inconscientes? Ainda



A meditação do riso de
Carvalho. Tristeza, um dia
da comédia.

bem. Porque
o riso por cál-
culo, verdadei-
ramente crono-
metrado, é sempre
uma máscara a escon-
der uma chiaga.

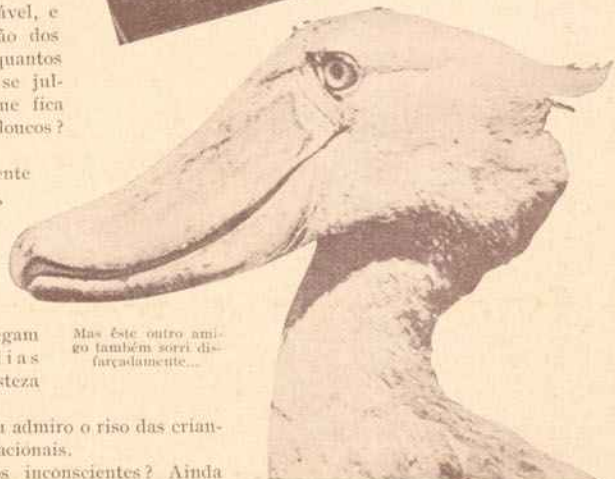
GUERDES DE
AMORIM.



EM CIMA — Foi bi-
bi com uma alegria
humana, dita
humana, não
de dimes.



É um knock out
simulado à per-
feição por
dais peludos
foliões que
se mostram
muito mais
amigos de se
divertir que
os bicho-
homens...



Mas este outro ami-
go também sorri dis-
farçadamente...



O cinema é inimigo da beleza?... Eis uma pergunta um pouco «de algibeira», mas à qual alguém já deu resposta perentória.

«Sim!... O cinema pode ser um inimigo da beleza!...» — declaron M.^{lle} Tonia Navar, a brilhante artista francesa que a Comédie acaba de nomear societária.

Tonia Navar é, além de formosíssima, uma perfeita escultura, e, assim, não é de estranhar que o cinema sonoro a tentasse.

Assim aconteceu, com efeito, e a impecável dicção da actual societária da Comédie-Française, a sua elegância proverbial, a sua formosura, foram elementos indispensáveis para a filmagem de *La route est belle*, a comédia falada e cantada que Lisboa já viu. Tonia Navar devia ser, dentro desta simpática obra de espirito bem parisiense, um atractivo



magnifico, quasi tão grande como André Bauge no protagonista.

Azafamadamente se produziu a película e, com prenúncios de triunfo se apresentou ao público. Mas aí!... Na sessão privada que precedeu esta apresentação, rebentou o conflito. Duma friza, no escuro da sala, a voz quente, magnifica, de Tonia Navar, soltava imprecações de tragédia clássica. Efectivamente, no «écran», a bela, hierática e escul-



M.^{lle} Tonia Navar, da Comédie-Française e estrela do cinema

A ESQUERDA — Catherine Molyart, a nova «menina bonita» de Hollywood



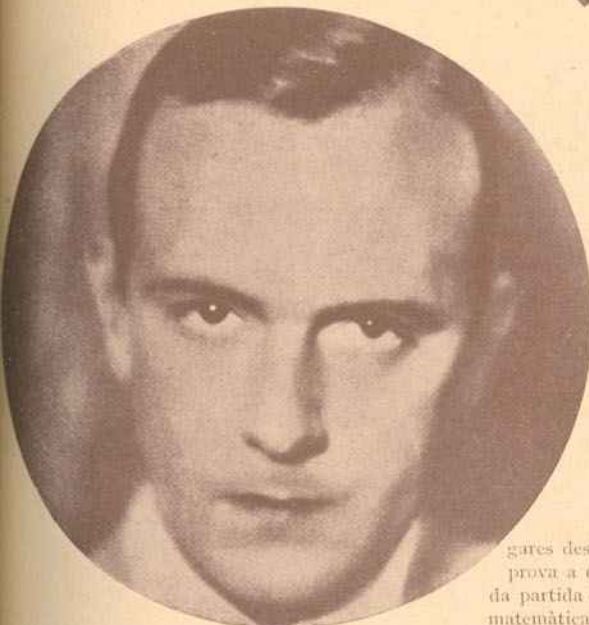
tural societária era apenas uma pessoa enrugada, antipática, pretenciosa e... feia!... Mas feia, irremediavelmente feia!...

A célebre vedeta protestou, pediu, exigiu, que cortassem todas as suas scenas. Impossível! O filme devia estrear-se, não havia tempo de filmar com outra artista, novamente, os pedaços incriminados, nem, cortando-os, a fita podia ser exibida com aceitação do público. E Tonia Navar, apesar dos seus protestos ruidosos e públicos, foi mostrada aos povos de todo o mundo como uma senhora feia, feia, feia!...

Então, a farsa foi até aos tribunais. E no tribunal do Sena corre uma acção por... *perdas e danos*, em que a linda actriz pede um milhão de francos de indemnização pelo facto de a fotografia lhe ter estropeado a sua perfeita beleza. Outro processo também corre, paralelamente, por *difamação cinematográfica* e nele também M.^{lle} Navar pede outro milhão de danos.

E é que, realmente, não há castigo suficiente para um atentado à beleza.

No entanto, não nos parece fácil o juízo da causa. De que guisa vai Tonia Navar demonstrar a sua formosura aos juizes; pela simples comparência, por atestados de peritos ou pelo gesto magnifico de Frineia ante o Areópago grego?... Serão soluções compatíveis com o prestígio do douto tribunal? E não influirão na sentença, além de razões climatéricas, as idades dos julgadores? Parece-me, salvo melhor opinião, que os argumentos plásticos de Tonia Navar se podem ter efeitos sobre o tribunal de primeira instância, já não serão tão eficientes quando se trate das instâncias superiores onde os juizes



Jacques Catelain, um grande artista que o «falado» pôs de parte

são, por via de regra, cada vez mais venerandos. E eis uma intromissão da idade no bem julgar que nem todos os tratadistas de direito, por certo, têm encarado. Tanto mais que, neste processo, pode bem ser que surja mais uma certidão de idade; a de M.^{lle} Tonina Navar, exibida pelo produtor processado. E, então, será o maior escândalo da época, a declaração de que a objectiva, no seu mecânico rigor, não tem culpa de desvendar artifícios que o palco ainda encobre... E os juizes decidirão se continua ou não a permitir-se à câmara destruir o velho aforismo de que «as aparências iludem»...

Porque, a falar verdade, não se chega a societária da Comédie na mesma idade radiosa que faz o grande triunfo plástico e sensorial das americanas, o triunfo que, neste momento, corôa, fugazmente, é certo, a aparição de Catherine Moylan, «a menina bonita de Hollywood», e a perturbante Joan Crawford, nora do velho Douglas, e a mais perfeita incarnação cinematográfica do «sex-appel» que tem surgido até hoje.

O DESENVOLVIMENTO DO SOM NO CINEMA

O progresso da ciência do som, ou melhor dito da perspectiva do som, está-se desenvolvendo simultaneamente com o progresso da fotografia, e está fazendo maravilhas em Hollywood. Durante os últimos meses tem-se visto milagres que nunca se acreditariam possíveis no cinema.

Em *The Southerner* a nova produção da Metro, em que Lawrence Tibbett tem o principal papel, a perspectiva sonora chegou à perfeição, como por exemplo os latidos de uma matilha de cães, o indício da sua aproximação e o afastamento de uma raposa.

O processo pelo qual isto foi feito é muito interessante. Cuidadosamente foram feitas provas para determinar o volume do som com relação à distância. Mas em tais provas tinha que ser lembrado que o ser humano ouve com os dois ouvidos, de modo que a diferença do volume em cada ouvido permite distinguir a direcção do som. No caso do microfone, que é um só ouvido tal como a lente da máquina cinematográfica é um olho só,

em tudo quanto concerne a efeito scênico, outros elementos tinham que ser considerados.

O som tal como o percebe o ouvido humano, foi graduado por um instrumento muito sensível que registra as vibrações sonoras; os cães foram colocados em diferentes lugares e foram postos a ladrar, até se conseguir localizar a distância exacta pela qual o som é registrado no microfone, registrando vibrações idênticas às daquelle instrumento.

Na filmagem desta produção, os cães foram colocados exactamente nos lugares designados e marcados durante a prova a que nos referimos, e no ponto da partida e de chegada, etc., calculados matematicamente, de modo que o som desse a impressão perfeita da distância.

A tarefa complicava-se pelo facto de não ser possível usar caprichosamente as medi-

das de intensidade do som, havendo que se guiar pela representação gráfica das vibrações sonoras.

O novo filme de Tibbett é um romance do moderno Sul, e mostra Tibbett no seu primeiro papel moderno como filho pródigo de uma família rica que torna à casa paterna para recomeçar vida nova.

A caça à raposa com uma centena de cães e mais de cinquenta cavaleiros é um dos detalhes do espectáculo num drama que é uma íntima história da vida de uma família do Sul actual.

Os números das canções são originais de Herbert Stothart, feitas nas linhas das verdadeiras canções do sul, e Tibbett canta ainda uma conhecida canção dos negros. Um grande coro de negros se faz ouvir nas suas tradicionais canções.

Harry Pollard está dirigindo este filme em que trabalha Lawrence Tibbett, o grande astro da ópera e da tela, com um notável elenco. Esther Ralston é a heroína, e também tomam parte nesta produção, Cliff Edwards, Roland Young, Hedda Hopper, Theodore Von Eltz, John Louis Bartels, Emma Dunn, Stepin Fetchit e vários outros. A história foi escrita por Bess Meredyth e Root Wells.

EM BAIXO—JOAN CRAWFORD, que dentro em pouco será, sem contestação, o ídolo do mundo cinéfilo



MC-10928

HORACIO
DE
NOVAIS



L I S B O A
P O R T O
EUROPEU ...

PAGINAS DE ARTE DE

ILUSTRAÇÃO

LITERATURA GREGA DE HOJE



BALAFRA?
NO
PARAÍSO

NOVELA HUMORISTICA DE DEMOSTENES BUTYRÁS

traduzida directamente do grego por

NICOLAU PERCAS

(Mercê da valiosa interferência do nosso querido amigo Nicolau Percas, ilustre escritor grego que reside em Espanha e que é um admirador entusiasta das letras portuguesas, conhecendo a fundo o nosso idioma, a «Ilustração» empreende hoje nas suas páginas uma obra de alto alcance cultural. Trata-se de dar a conhecer no nosso País a moderna literatura grega por intermédio dos seus escritores mais representativos em traduções directas e exclusivas para a nossa revista.

Inicia esta série interessantíssima o nome ilustre de Demostenes Butyrás com a magnífica novela—verdadeiro alarde de humor e de síntese construtiva—que hoje publicamos.

Butyrás é uma figura bem destacada entre os escritores da Grécia de hoje, tanto pela beleza artística da sua produção como pela força da sua personalidade. Espírito justiceiro e vigoroso, exaltado pela essência quixotesca dos que fizeram dum ideal a razão da sua existência, desde o final do século passado que a





sua voz não cessa de gritar contra as injustiças e os preconceitos da gente de cima e de baixo que tiraniza a sociedade de hoje. Romancista emérito, considera-se «Langás» o melhor dos seus romances, escrito quando da guerra greco-turca, em que fustiga corajosamente o patriotismo e a imprevisão dos que levaram o seu País à catástrofe. E também autor de numerosos contos, e cada um deles é uma acerada frecha que se assenta contra algum velho ídolo.



Depois de lhe ter custado tantas penas e fadigas poder comprar uns sapatos novos — uns sapatos enormes — o podo Balafás morreu. Quem sabe se não foi até essa grande alegria — ele também ia estreitar na vida uns sapatos novos! — que lhe causou a morte...



Quando a sua alma abandonou o seu sujo corpo e aquele não menos sujo quartinho que ficava no desvão da casa, desferiu voo livre para outros mundos. Mas em plena ascensão, já ela tinha passado as nuvens, lembrou-se dos seus sapatos, e o desejo de os levar consigo apoderou-se tanto dela que neutralizou a força que a fazia subir. E parou. Então Balafás voltou imediatamente à terra, deixando atrás de si, flutuando no ar, um rasto luminoso. Produziu-se também um relâmpago enorme que pregou um susto grande à humanidade. E Balafás, vendo os homens tão estupidamente assustados, ia remorrendo de riso.

Cautelosamente, sem fazer ruído, entrou no seu mísero quarto e foi encontrar a velha patrão da casa, com um castiçal no chão, a revistar a roupa que tinha sido o abrigo do seu corpo abandonado, dando voltas ao colchão na esperança de encontrar algum dinheiro.

Balafás, que julgava a mulher um boa criatura, tanta repugnância sentiu ao ver aquele espectáculo que lançou mão precipitadamente de um dos sapatos e fugiu, deixando o outro.

Pelo caminho arrependeu-se de não ter levado os dois, mas pensou consigo:

— Afinal de contas, que falta me faz?...

Com o sapato na mão chegou à meta da sua viagem e deparou com uma encruzilhada.

— Que caminho seguir? — vacilou.

E meteu para o Paraíso.

Encontrou a porta fechada, uma porta grande, imensa, e branca como a neve, tão branca como o céu quando cá da terra olhamos lá para cima.

Parou e bateu com toda a força. Veio abrir um ancião de barba branca, tão farta e longa que lhe cobria o peito todo.

Balafás ficou assombrado com tanta luz, tão fulgurantes cores e tão doces melodias como lá de dentro saíam.

— Que queres daqui? — perguntou-lhe o velho.

— Que hei-de querer? — respondeu — ; entrar!

— O teu lugar não é aqui; tu tens que ir para outra parte.

— Para outra parte? Que dizes? Repete, se és capaz!... Aqui é que ha-de ser!... Para outra parte!... Para outra parte vai tu!... Não estava eu bem onde estava? Para que me fôste lá buscar?...

— Já te disse que não podes entrar aqui! Girou!...

E o santo fez ademan de fechar a porta.

— Tem cuidado! Não feches! ...porque senão...

— Senão, quê? — perguntou-lhe o santo severamente.

— Senão... Toma!

E Balafás atirou-lhe o sapato à cabeça. O choque produziu um relâmpago e um trovão, mas o santo deu com as costelas em terra.

Balafás introduziu-se no Paraíso a toda a pressa.

A música cessou como por encanto, fazendo-se um pesado silêncio.

No meio deste silêncio ouviu-se uma voz enérgica e potente ordenando que o prendessem.

Agarraram-se a ele dois anjos enormes, como outrora na terra o agarravam os guardas, e conduziram-no para um sítio muito

elevado no alto do qual existia um trono negro como azeviche. Ali estava sentado um velho de barba branca, um velho um pouco estranho, que às vezes parecia tão grande que a sua cabeça se perdia nas alturas, e outras, tão pequeno como um anão.

— Anda cá. — disse-lhe — Porque fizeste toda esta balbúrdia?

— Porque... porque... — respondeu-lhe Balafás — não me deixavam entrar...

— E cumpriam com o seu dever. O teu lugar não é aqui!

— Não é aqui, porquê?...

— Porque és um pecador; um ladrão!

— E que tem que seja um ladrão?

— Os ladrões têm castigo! Ou não sabes os dez mandamentos?

— Não!

— Não? Não sabes que há castigo para os que roubam?

— Quando não se arrependem — disse uma voz —. E este arrependeu-se uma vez e confessou-se. Mas, tornou a roubar!

— Como não tinha trabalho e a fome apertava...

— E, após algum tempo — disse outra voz — foi novamente confessar-se, e na própria



confissão roubou ao padre o relógio e a corrente de ouro!...

— Não tinha cheta; que queriam que fizesse? De resto não cheguei a disfrutar do seu produto, porque me apanharam e dei com os ossos na cadeia...

O presidente daquele concílio do Paraíso ouviu todas as acusações, que já sabia de antemão, e disse, tornando-se pequenino como um filiputiano:

— Não, aqui não ficas! O teu lugar é no Inferno! Deves ser castigado.

Balafás sobressaltou-se e indignou-se como naquele dia em que pregou um murro a um polícia, deixando-lhe um olho num estado lamentável:

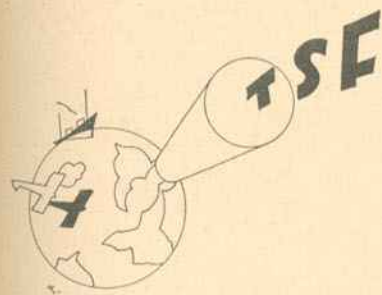
— Também tu! Também tu julgas como aqueles desavergonhados lá da terra?

— Que dizes?

— Que digo... Ainda o perguntas?... Ai! que pena eu não ter trazido o outro sapato!...

FIM

(Exclusivo da «Ilustração»)



QUER CONSTRUIR UM POSTO RECEPTOR MAGNIFICO?

QUEM é que não desejará captar com o mesmo receptor, as estações de onda média e as estações de onda curta, sem necessidade de outra operação que não seja uma simples mudança de bobinas?

Quanto amadores desejam um circuito que receba com igual rendimento, Chelmsford e Londres, a gama dos 20 ou 40 metros e a dos 200 aos 500!

Todos nós conhecemos bons receptores de ondas médias e bons receptores de onda curta. Aqueles são em geral postos com amplificação de alta frequência; estes são circuitos de detectora de reacção com amplificação de baixa frequência. Nem os receptores de ondas médias se adaptavam facilmente a ondas curtas, nem os circuitos especiais de ondas curtas podiam dar, em ondas médias, o rendimento dos aparelhos feitos especialmente para estas ondas.

O receptor *Universal 5* que hoje apresentamos aos nossos leitores, é o resultado de dois anos de experiências com o intuito de desenhar e aperfeiçoar um circuito de funcionamento perfeitamente satisfatório em ondas médias e de rendimento bom em ondas curtas. Vamos desta forma ao encontro do desejo dos amadores que pretendem construir um rádio-receptor universal.

As soluções do problema do posto universal apresentadas até à data, não satisfazem completamente; em geral, trata-se de bons receptores de onda curta, com pouca eficiência em ondas médias, ou bons receptores de ondas médias, mas insuficientes em ondas curtas.

O *Universal 5* é um receptor óptimo, que em ondas médias dá plena satisfação, quer se considere sob o ponto de vista de sensibilidade e alcance, quer sob o ponto de vista de facilidade de maneio, selectividade e fidelidade de tom. A sua grande amplificação de alta frequência e a sua magnífica amplificação de baixa frequência, asseguram a audi-

ção nítida e com grande volume de som, de muitas estações de ondas médias. O *Universal 5* é um receptor para alto-falante: tudo quanto vale a pena ouvir-se, é facilmente captado e reproduzido com clareza e fidelidade invulgar.

A audição de ondas curtas é segura e fácil com o *Universal 5* mercê da utilização dum circuito especialmente adequado para este fim. Como é natural, o alcance deste receptor em ondas curtas é quasi ilimitado. A recepção das estações americanas obtém-se, por assim dizer, todos os dias com regularidade e sem manobras complicadas. Ao mesmo tempo, tudo foi estudado no sentido de facilitar ao máximo a construção deste receptor de forma a que, sem grandes trabalhos de *mise au point*, todo o amador, mesmo sem grande experiência, possa obter, logo de início, resultados interessantes.

As boas qualidades deste receptor são:

Em primeiro lugar, no circuito de grelha blindada.

Em segundo lugar, na escolha de material e na disposição de montagem.

A válvula de grelha blindada, que neste receptor funciona como amplificadora de alta frequência, é a maior invenção dos últimos tempos da Rádio. Esta válvula, com um único andar de alta frequência, dá a amplificação que só era, até há pouco, possível obter com dois andares de alta frequência do tipo antigo. Sensibilidade, selectividade e estabilidade, são virtudes que as válvulas de grelha blindada possuem em alto grau e que elas naturalmente comunicam aos circuitos em que são encorporadas.

Ao consultar os tratados e as revistas da especialidade, depura-se-nos uma enorme variedade de circuitos e de dispositivos adaptados, cada um deles, a condições e a fins particulares. Recomendar um determinado circuito no nosso país, onde é tão difícil ouvir, não deve fazer-se senão com critério e com

a autoridade que só a experiência pode dar.

O circuito de grelha blindada escolhido e os valores e características indicadas, são uma razão fundamental da excelência de qualidade do *Universal 5* e resultam de inúmeras experiências e confrontos feitos entre os circuitos de desenho mais recente e mais de acordo com os últimos progressos da técnica americana e europeia. Todos os detalhes do circuito foram submetidos à mais rigorosa prova e observação e podemos assegurar com certeza, que não é fácil o *Universal 5* ser excedido por um receptor de igual tipo e igual número de válvulas.

A amplificação útil de alta frequência que é possível obter com o actual receptor, mesmo sem fazer entrar em jogo a reacção, é de cerca de 125, mercê do elevado factor de amplificação da válvula de grelha blindada e também graças à elevada resistência dinâmica dos circuitos oscilantes construídos com o tipo de bobinas utilizadas. A amplificação de baixa frequência é feita em dois andares. O primeiro andar é acoplado à válvula detectora por meio dum transformador cuja escolha convém seja feita com cuidado.

O segundo andar é realizado com duas válvulas em opposição segundo o sistema *push-pull* que é hoje considerado como o mais aperfeiçoado que se conhece sendo por isso adoptado universalmente pelos melhores fabricantes. São várias as vantagens deste sistema.

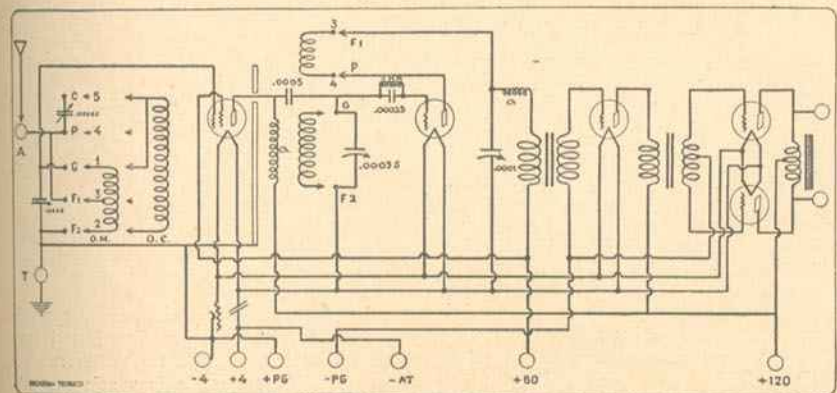
Em primeiro lugar, a potência máxima que pode obter-se dum andar em *push-pull*, é cerca do triplo da que pode fornecer um andar de amplificação vulgar.

A montagem *push-pull* corrige os defeitos da curvatura da característica das válvulas, suprimindo a chamada *distorsão da segunda harmónica*, cujo efeito é deformar a reprodução por alteração de timbres.

Uma outra vantagem muito importante, reside no facto dos dispositivos de saída, impedância ou transformadores, serem percorridos em sentido contrário pelas correntes permanentes das válvulas do *push-pull*, donde resulta a eliminação das deformações por histeresis e por saturação do núcleo de ferro destes dispositivos de saída.

Acresce ainda a circunstância notável de que o *push-pull* funciona admiravelmente, mesmo a voltagens muito baixas. Com 120 volts de placa, por exemplo, o volume e a qualidade de som obtidos são notavelmente melhores do que os que poderiam obter-se com a montagem mais vulgar.

O único cuidado especial a ter com o *Universal 5* está na escolha de duas válvulas iguais para o andar *push-pull*. Convém utilizar duas válvulas de tipo para final, com características tanto quanto possível iguais.



O amador encontrará junto, um plano de montagem do *Universal 5*, esclarecendo até aos últimos detalhes toda a sua construção.

Este plano está desenhado tanto para as montagens em sub-painel como para a montagem mais simples, feita sobre prancha de madeira.

Que não se suponha, todavia, que é possível tirar todo o partido duma válvula moderna de grelha blindada pela sua mera instalação na alta frequência dum receptor estudado e adequado às antigas válvulas. As próprias qualidades da válvula de grelha blindada opõem-se a que se obtenha um resultado satisfatório quando se não trata de circuitos expressamente desenhados para esta válvula e toda a experiência prova que só vale a pena utilizar válvulas de grelha blindada nos casos em que se tomem todas as precauções especiais de desenho e de construção. Assim, por exemplo, é absolutamente necessário blindar o circuito de grelha do circuito de placa da válvula de alta-frequência porque, doutra sorte, só é possível conseguir que os circuitos funcionem à custa da forçada introdução de perdas no desenho das bobinas, nas características dos circuitos oscilantes, na emissão electrónica do filamento por acção do reóstato, etc., perdendo-se assim em estabilidade, o que desejáramos ganhar em amplificação.

O circuito de antenna foi objecto de muitas experiências tendentes a obter o melhor compromisso entre selectividade e sensibilidade, e o sistema adoptado provou ser bastante superior aos sistemas vulgares de acoplamento directo ou por indução (Tesla). O acoplamento directo de antenna, no caso das válvulas de grelha blindada, torna o circuito de entrada muito amortecido e a selectividade e sensibilidade precárias. Ao mesmo tempo, o controle de reacção é, nestas condições, pouco progressivo e de funcionamento irregular. O sistema de ligação por indução, feito por transformador, é difícil, senão impossível, de realizar satisfatoriamente e, no caso presente, de uma só amplificadora de alta-frequência, não foi possível por este processo chegar a uma regular amplificação e suficiente selectividade em ondas médias.

O sistema de auto-transformador com ligação de antenna a cerca de $\frac{1}{3}$ do enrolamento de entrada, assegura uma e outra coisa, possivelmente pelo maior acoplamento existente entre a secção primária e a secção secundária.

Em ondas curtas, o tipo de circuito mais recomendável é o de acoplamento por condensador de pequena capacidade que pelo desamortecimento de antenna que produz, contribui para o regular funcionamento da reacção.

A comutação destes dois circuitos, de ondas médias e de ondas curtas, é feita automaticamente sem ser necessário mudar de borne de antenna, o que representa uma simplificação de manobra.

A ligação da alta-frequência à detectora é feita pelo sistema de impedância—capacidade. Circuito de grelha sintonizado—que apresenta sobre o vulgar de ressonância, a montagem duma estabilidade em alta-frequência muito maior pelo facto de não circularem pelo sistema de alimentação de alta-frequência as correntes de alta-frequência.

O controle de sensibilidade e de volume dum receptor é sempre um ponto de grande importância que requiere estudo e cuidado. É preciso que o controle de volume seja tanto quanto possível independente de todos os outros comandos do pósto para que a afinação seja prática e simples. É necessário que seja progressivo e que permita, sem manobra difícil, a regulação da amplificação total desejada no actual receptor. O controle de sensibilidade é feito duma forma segura por meio dum condensador variável de reacção que tem a faculdade de aumentar consideravelmente o alcance e também a selectividade do aparelho. Utiliza-se o processo *Schnell* que combina a reacção electromagnética fixa, com a reacção electrostática variável, a qual actua sem notável modificação de leitura dos quadrantes, o que vem a significar que se pode calibrar o receptor e fazer uma lista de estações, independentemente da dose da reacção empregada.

A detecção é efectuada pelo processo vulgar de condensador *shuntado*, de preferência

Nas figuras que acompanham esta descrição é incluído um desenho das bobinas, com indicação do número de espiras, diâmetro do fio empregado, disposição relativa dos enrolamentos e ligações aos terminais numerados da base da fôrma.

Os condensadores variáveis recomendados e respectivo desmultiplicador, foram escolhidos pela sua construção moderna e pelo seu ótimo funcionamento mecânico e eléctrico, conjugando com estas qualidades um magnífico aspecto.

Os transformadores de baixa frequência são peças de fundamental importância para a boa reprodução da música e da voz. Um bom transformador tem de amplificar bem toda a escala musical, ter um núcleo suficiente para não se saturar e deve ser eficazmente defendido contra a acção da humidade que favorece as reacções electrolíticas nos enrolamentos, com consequente rutura e inutilização do transformador. Os transformadores adoptados oferecem as máximas garantias de duração, porque os seus enrolamentos são hermeticamente selados em bakelite.

De posse de todas as peças necessárias, o amador deve começar por fazer as furações do painel da frente e do sub-painel. Os condensadores variáveis, o desmultiplicador e as outras peças a fixar no painel, vêm acompanhadas de matrizes que facilitam bastante a sua montagem. É conveniente cingir-se estritamente à disposição de peças indicada nos diagramas, a qual, em experiências, provou ser a mais eficaz; tendo fixado as peças no painel, pode proceder-se à fixação das restantes peças no sub-painel. Esta fixação é feita com parafusos e porcas. A chapa de blindagem pode ser de alumínio ou cobre, e, como os esquemas indicam, é fixa ao rotor do condensador de antenna e está, portanto, ao potencial terra. Tem uma perfuração para dar passagem ao fio isolado, ligando a placa da válvula de alta frequência à bobine de impedância no circuito anódico da mesma válvula.

As ligações do *Universal 5* são feitas na face inferior do sub-painel, o que permite encurtar fios e, portanto, aumentar sensivelmente o rendimento e a estabilidade do receptor. É conveniente, como sempre, seguir à risca o esquema de ligações e soldar com o ferro à temperatura conveniente: nem demasiada porque caldeia e não se liga à solda, nem insuficiente porque não chega a fundir bem a solda e, então, as soldagens a-pesar da muita solda, ficam mal feitas.

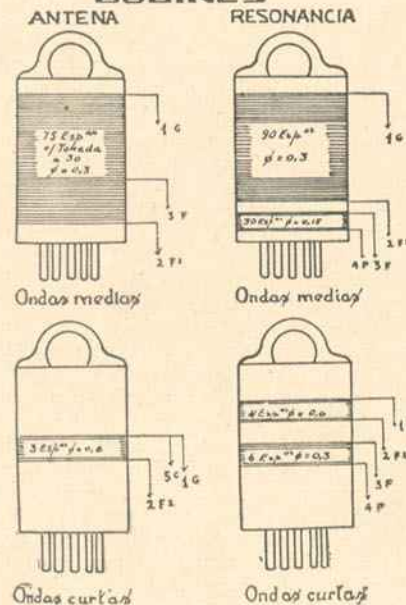
A afinação do receptor é muito simples. O botão da esquerda do desmultiplicador afina o circuito de antenna; o botão da direita afina o circuito de grelha da detectora. Estes dois comandos são independentes.

Tendo ligado as baterias segundo as polaridades indicadas nos diagramas e depois de ligar a antenna e a terra, acendem-se as válvulas com a manobra do interruptor de filamento e do reóstato.

Fazendo caminhar a par os dois condensadores de afinação e tendo regulado a reacção fora do ponto de oscilação, recebem-se uma a uma as estações.

O condensador de reacção gradua a sensibilidade e o volume de som. Ao mesmo tempo a sua manobra cuidadosa permite aumentar selectividade quando isso seja necessário.

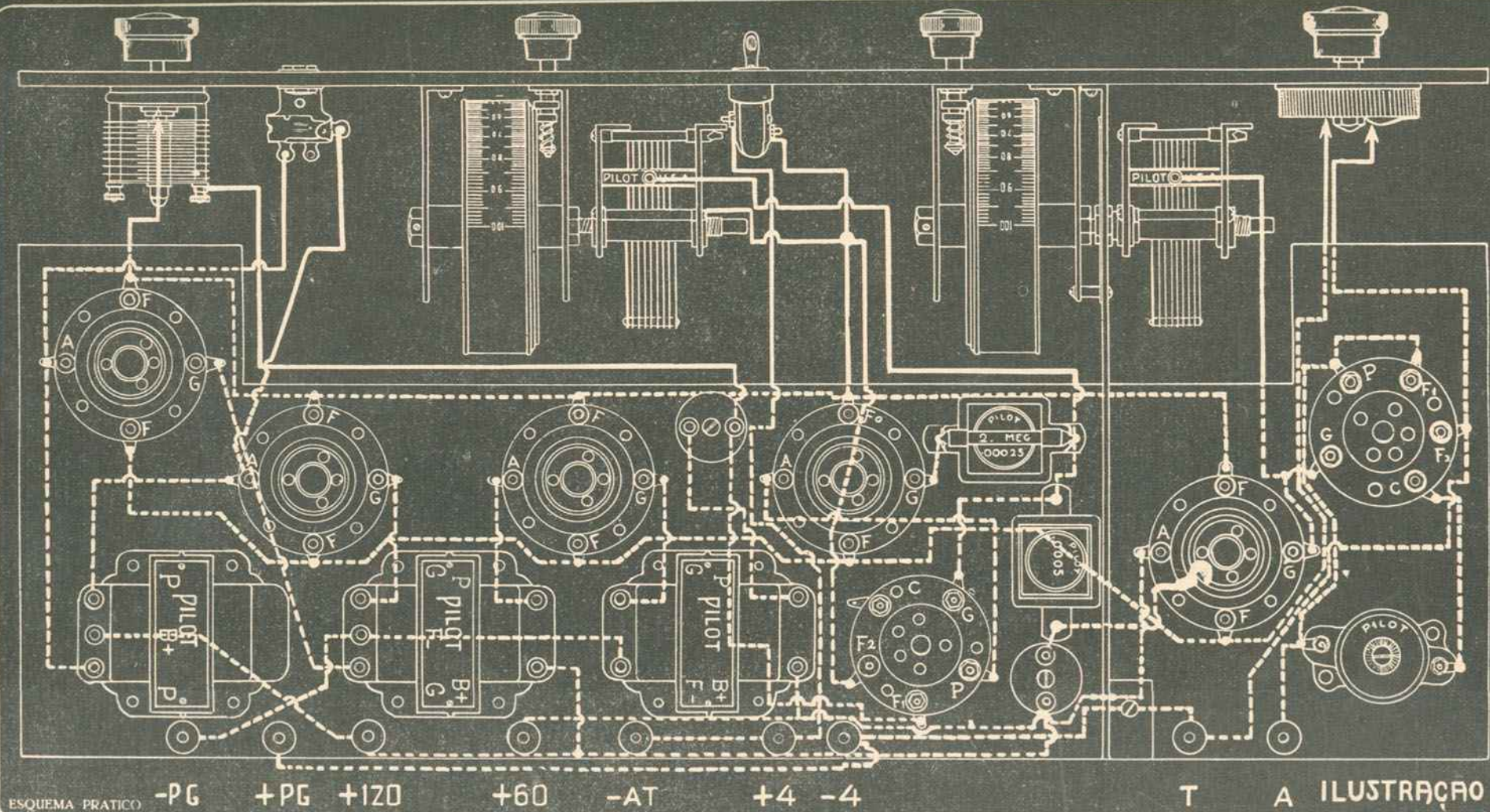
BOBINES



à detecção por placa e outros processos de detecção de sinais fortes, porque o *Universal 5* se destina à recepção a grande distância e porque a questão de rendimento num receptor de uma só válvula de alta-frequência, tem uma importância fundamental.

A amplificação de baixa frequência é feita por transformadores de características modernas e a selecção de válvulas amplificadoras foi feita de forma a evitar as distorções por sobrecarga, no intuito de fornecer ao alto-falante bastante energia sem deformação.

Bobines: Num amplificador de alta-frequência, as bobines são talvez a peça fundamental. Depois de muitos confrontos entre vários tipos de bobines, chegámos à conclusão de que a bobine mais prática e mais eficaz, assim como mais adequada às exigências de estabilidade das válvulas de grelha blindada, deve ser de pequeno diâmetro e bobinada em arestas dispostas longitudinalmente sobre fôrmas cilíndricas.



POSTO «UNIVERSAL» — MATERIAL EMPREGADO: 1 condens. variável 0,0005 mfd.; 1 condens. variável 0,00035 mfd.; 1 condens. variável miniatura; 1 condens. ajustável 0,0005 mfd.; 1 condens. fixo 0,0005; 1 condens. fixo 0,00025; 2 desmultiplicadores de tambor; 1 reóstato de 6 ohms; 1 transformador; 1 Jogo Push-pull; 5 suportes de válvulas, anti-vibratórios; 2 suportes; 1 interruptor; 1 Jack miniatura; 1 resistência de 2 a 5 megohms; 2 bobinas de impedância; 1 painel de bakelite de 33,5x17,5; 1 sub-painel de 33,5x17,5; 2 esquadros para sub-painel; 1 placa de blindagem de alumínio; 9 bornes isolados; 12 barras para ligações; Parafusos diversos.

Dos Acores informaram-nos de que o Universal 5 recebe praticamente todos os programas emitidos de dia, sendo fácil a audição forte de Brookmans Park, Langenberg, Roma, Barcelona, etc.

Querendo aumentar ainda mais a selectividade do Universal 5 instala-se entre a antena e o borne antena do receptor, quer um condensador variável de cerca de 0,0001 mfd. análogo no da reacção quer um pequeno condensador fixo de cerca de 0,00005 mfd.

No primeiro caso a selectividade é verdadeiramente extraordinária e reduzindo a capacidade do condensador chega a satisfazer mesmo nos casos mais difíceis.

(Direcção de Alvaro Contreiras)

MOTORES

A AVIAÇÃO DE HOJE

A guerra de amanhã

São freqüentes os lançamentos à água, em todas as principais cidades do mundo, de novos navios guerreiros, submarinos, *destroyers*, cruzadores, couraçados, pequenas e grandes unidades de combate, com que os povos pretendem disputar entre si, o domínio dos mares.

Facto idêntico se dá com os aviões militares. Todos os dias se lançam ao ar novos modelos, procurando uns, como principal objectivo, a velocidade, outros uma maior carga, limitando-se outros ainda à missão de observadores.

Tal qual como nos mares, as nações de peso na balança política mundial, disputam umas às outras o predomínio dos ares.

Sem nos ocuparmos dos aviões civis, cuja construção, com pouco trabalho e em pouco tempo, se adaptará aos serviços da guerra, façamos uma rápida resenha que a fudole do jornal outra não comporta, de alguns dos aviões puramente militares ao serviço, ou prestes a sê-lo, dos diferentes Ministérios do Ar em vários países do continente europeu.

Nos aparelhos de caça, de um só lugar, a França está experimentando o D 27 *Dewoitine*, com motor *Hispano-Suiza* de 600 H. P. que, de resto, deu já uma brilhante prova batendo o *récord* da velocidade nos 1.000 quilómetros, com 286 de média horária; *Jupiter*, com motor *Guôme et Rhône*, com compressor, aproxima-se dos 300 quilómetros, tendo um teto superior a 10.000 metros; omitiremos outros para só falarmos dos mais velozes. A Polónia ensaia actualmente um original exemplo da sua técnica, o P. Z. I. VI; a asa monoplane é ligada ao nível dos *longerons* superiores de fuselagem, donde sobe a uns 30° para seguidamente adquirir a horizontalidade. Resulta desta original construção uma apreciável melhoria no campo de visão do piloto, de extrema importância para um *monoplace* de caça.

Este monoplane, todo metálico, é equipado dum motor *Bristol*, com compressor, e atinge 335 quilómetros à hora a 5.000 metros de altitude, alcançada em menos de 10 minutos, conseguindo um teto de 10.500 metros, o que o coloca na primeira fila dos *monoplaces* actuais.

Ainda na categoria dos aparelhos de caça, citaremos o *Fairey Firefly* considerado o mais rápido do mundo. É munido dum 12 cilindros em V, *Rolls-Royce*, com resfriamento por água, tendo o radiador persianas reguladoras de temperatura; estrutura primária do aparelho em aço e secundária em duralumínio, sendo também neste metal as nervuras das asas e dos lemes de *contrôle*. Reves-

timento das asas em tela. Trem de aterragem com excelentes qualidades de amortecimento por meio de amortecedores a óleo, bastante robustos. Comandos extremamente poderosos, se bem que muito leves e suaves.

Este aparelho tem *ailerons* de curvatura variável permitindo incidências máximas e um exacto *contrôle*; a máxima variabilidade de velocidade e sua redução na aterragem estão d'este modo garantidas, garantindo-se em absoluto o domínio do aparelho a todas as velocidades e a todos os ângulos. Duas metralhadoras, com campo visual extremamente amplo, atiram através a hélice, sendo os gatilhos montados na *manche* do comando.

Utilizando-se para *chauffage* o radiador, pode o poço do piloto ser aquecido, de modo a voar sem luvas a 34 graus negativos.

O aparelho tem um comprimento de 7^m,65 por 9^m,60 de envergadura; o seu peso é de 1.460 quilos.

As velocidades que atinge fazem d'ele o avião de caça mais rápido que actualmente existe; 350 quilómetros à hora a uma altitude de 4.000 metros; os 3.050 metros em 5 minutos e 25 segundos, e os 6.100 em 11 minutos e 40.

A Bélgica, não descurando as lições do passado, vai munir a sua 5.^a arma de 45 aparelhos d'este tipo.

Um dos novos aviões com magníficas condições de visibilidade e de tiro, o *Bréguet 270*, todo metálico, constitue uma nova fórmula que, dentro em pouco, será aplicada a uma série, tanto para efeitos civis como militares. O aço é o metal utilizado em quasi toda a sua construção; depois d'ele o duralumínio. A fuselagem é diferente de todas as outras e resume-se a uma viga de pouca altura que constitue a base onde assenta uma

carrosserie, no mesmo princípio dos automóveis.

Além da vantagem dum maior campo de visão, há a notar a facilidade de construção neste tipo de aviões.

O *Bréguet 270* é munido de motor *Hispano-Suiza* de 600 H. P.

Os motores modernos

Duas grandes categorias existem hoje nos motores de aviação, distintas pelo seu combustível: os de essência e os de óleos pesados.

Nos de primeira categoria, são vários os tipos, aplicados a aviões de turismo, não desdenhando os construtores dos grandes motores, em construir igualmente os de pequenas potências.

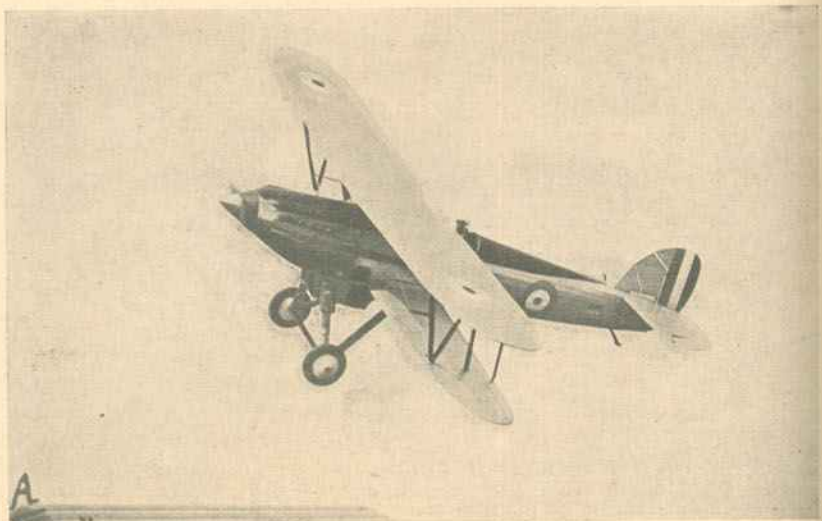
Em França, muitos d'estes motores têm clientela certa, do que é prova a curiosidade e interesse que lhes manifestou o público do último *Salon de Aéronautica*, de Paris. Os mais pequenos motores expostos foram os *Bristol* e *Daimler*, ambos de força de 30 H. P. e em dois cilindros opostos.

Salmsom contrõe o 40 H. P. em 9 cilindros em estrela, o 60 H. P. em 5 cilindros igualmente em estrela e o 95 H. P. de 7 cilindros, também em estrela.

Renault fabrica dois tipos de pequeno turismo, o 95 H. P. de 4 cilindros e o 100-120 H. P. de 7 cilindros em estrela.

Armstrong-Siddley apresenta um motor de 5 cilindros e 80 H. P. e outro de 100 H. P. também de 5 cilindros.

Em todos estes motores o resfriamento é feito por ar, e a sua velocidade de rotação raramente vai além de 2.000 voltas por minuto.



O avião de caça «Fairey Firefly»

Nos motores de potência média, a disposição dos cilindros é feita de modo a facilitar o resfriamento pelo ar. As forças destes motores variam entre 230 e 380 H. P., quasi todos adoptando a forma da estrela para a disposição dos seus cilindros.

Nos motores de grande poder é muitas vezes adoptado o sistema de resfriamento por água.

Assim, o *Lorraine* de 450 H. P. em 12 cilindros. É o motor dos *raids* de Pelletier d'Oisy e de Pinedo.

O tipo *Petrel* de 500 H. P., de 12 cilindros em V, com 145 milímetros de curso por outro tanto de diâmetro, desenvolve 675 H. P. à compressão 6 e a 2.200 rotações por minuto, e 732 H. P. à compressão 7.

Este motor constroec-se com *prise direct* ou com redutor.

Na série *Lorraine* notemos ainda um 900-1.100 H. P. *Eider*, que igualmente se fabrica com *prise direct* ou com redutor.

Tem 12 cilindros em V de 170 por 165 milímetros. A hélice, graças ao redutor, tem um regime de 1.391 rotações.

A *Hispano-Suiza* fabrica uma gama de motores de diferentes forças, que vão desde o de 100 H. P. de 6 cilindros em linha, até ao de 1.000 H. P. de 18 cilindros em W.

Os motores a óleo, *gasoil*, têm sido, recentemente, introduzidos na aviação. Estes motores apresentam várias vantagens sobre os de essência, destacando-se entre elas ser o seu combustível praticamente não inflamável. Note-se ainda que o motor de combustão ciclo *Diesel* pode marchar em sobrecarga e dar um suplemento de potência de 25 %, o que é particularmente interessante, principalmente na descolagem dum avião excessivamente carregado.

Panhard constrói um motor de combustão, licença *Diesel*, com 9 cilindros em estrela, desenvolvendo 100 HP. a 1.700 rotações por minuto, com um consumo específico de 190 gramas de *gasoil* por cavalo-hora.

Peugeot-Diesel, com licença *Junker's*, constrói um motor de aviação muito semelhante aos já empregados em camions e embarcações.

Os pistons são ainda dois opostos, mas cada um deles é ligado a uma cambota, uma com ligação à biela do piston inferior, outra à biela do piston superior, sendo, pois, harnidas as bielas laterais nos motores de aviação.

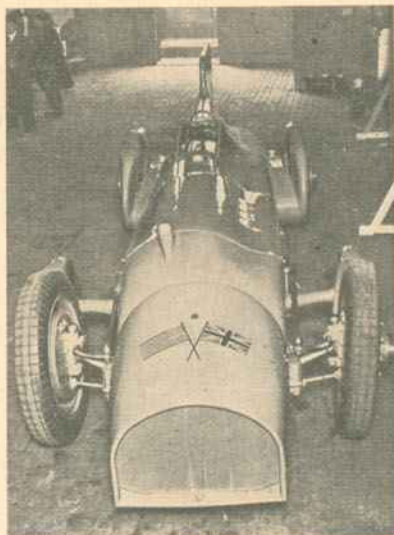
AUTOMÓVEIS

Campbell, de novo herói

Publicamos uma fotografia do original *Pá-saro azul*, com que o capitão Malcolm Campbell acaba de bater o *record* do mundo. Este estava em 230 milhas à hora e pertencia a Sir H. Segrave, detentor da velocidade em terra e na água e de quem o desastroso fim está na memória de todos os que se interessam pelos progressos da aviação e que admiram os homens de engenho e de arrôjo. Campbell acaba de alcançar a velocidade fantástica de 395 quilómetros à hora.

O arranque do motor em tempo frio

A gasolina, que não é um corpo quimicamente definido, mas sim uma mistura de di-



O automóvel com que Campbell acaba de bater o *record* do mundo

ferentes líquidos de densidade e volatilização variáveis, contém produtos ligeiros que emitem vapores à temperatura ordinária e outros muito mais pesados que se não vaporizam senão a uma temperatura muito maior.

Como resultado, com o motor frio, torna-se necessário que a quantidade total da gasolina fornecida no momento do arranque, seja muito maior que em ocasiões normais, com o motor já aquecido.

Daqui provém a dificuldade, tantas vezes observada, de pôr um motor em marcha, dificuldade esta que aumenta no inverno.

Em todos os automóveis, desde alguns anos a esta parte, há um dispositivo que permite ao condutor, sentado no seu lugar, fechar, mais ou menos, a entrada do ar ao carburador.

Como as primeiras revoluções provocadas pelo motor de arranque, produz-se fortemente uma secção no interior do carburador, quasi privado de ar por completo, fazendo-se uma mistura demasiado abundante em gasolina.

Deve-se ir fechando o ar pouco a pouco e enquanto o motor de arranque funciona, só o fechando totalmente em caso de grande teimosia do motor. Em geral, com o ar meio fechado, o motor *pega*.

E uma vez ouvidas as primeiras explosões, deverá ir-se abrindo o ar lentamente, dando ao motor o tempo de aquecer, e evitando-se as acelerações demasiado bruscas.

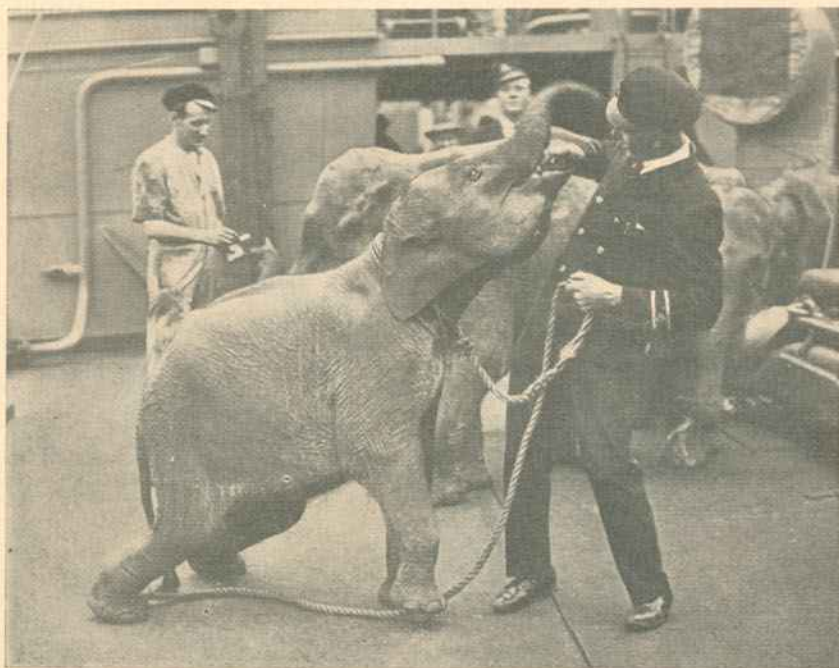
Com o ar completamente fechado, dá-se uma verdadeira inundação de gasolina nos cilindros, que irá fazer uma lavagem do óleo nas paredes daqueles e dos pistons; a gasolina que não for queimada pela explosão, irá misturar-se no cárter com o óleo da lubrificação, diminuindo-lhe fortemente as suas propriedades.

E não é preciso procurar mais longe as causas dum piston gripado ou do seu prematuro desgaste, pois que, no seu movimento de vai-vem, a falta da camada protectora de óleo, o obriga a roçar directamente as paredes do cilindro, metal com metal.

Ao automobilista que deseje a boa conservação do seu motor, aconselha-se, ao pô-lo em marcha e sobretudo no inverno, um pouco de habilidade e muita paciência.

R. LACERDA.

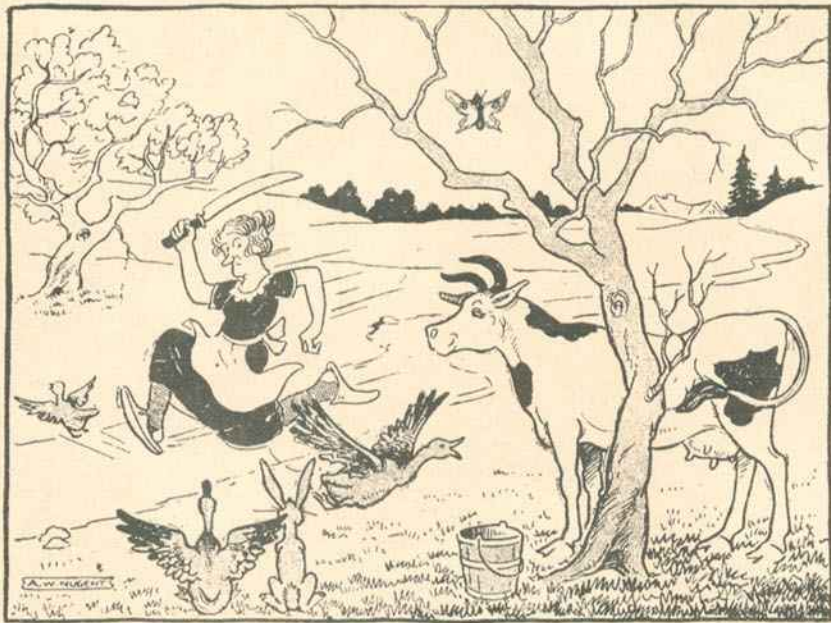
Curiosidades...



Os elefantes que acabam de chegar às docas de Tilbury, vindos da Índia, são... ainda de mama!... Por isso aqui vemos um dos oficiais do navio dando *biberon* a um dos *pequenos*, de nome Laura

(Folha Orrios)

COCKTAIL



A mulherzinha não endoideceu embora o pareça. O que anda é desesperada por não encontrar os seus coelhinhos brancos e estes afinal esconderam-se assustados quando a viram com aquela grande faca na mão. Onde se esconderiam eles?

UM EXAME DE LATIM

O professor:—Que vantagens tinham sobre nós, os antigos romanos?

O aluno:—Os romanos... Os romanos não tinham necessidade de traduzir o latim. E não era pequena vantagem.

Tio rico:—Há um mês que fiz o meu testamento e deixei-te tudo a ti.

Sobrinho gastador:—Então por que é que espera agora?

ILUSÃO DE OPTICA



Dêem à página um movimento rotativo, que tanto pode ser da direita para a esquerda como da esquerda para a direita, se quiserem ver os círculos a andar e o pobre do homem atrapalhado no meio deles.

A irmã:—Às vezes ponho-me a scismar, se o Edgardo me amará verdadeiramente?

O irmão:—Olha não tens razão para isso, porque há já mais de oito meses que ele me tem emprestado dinheiro de vez em quando e ainda não deixou de te vir ver.

O RHINOCERONTE

(Passatempo)

No mesmo género do passatempo *A côrça escondida* que já uma vez aqui publicámos, apresentamos hoje outro.

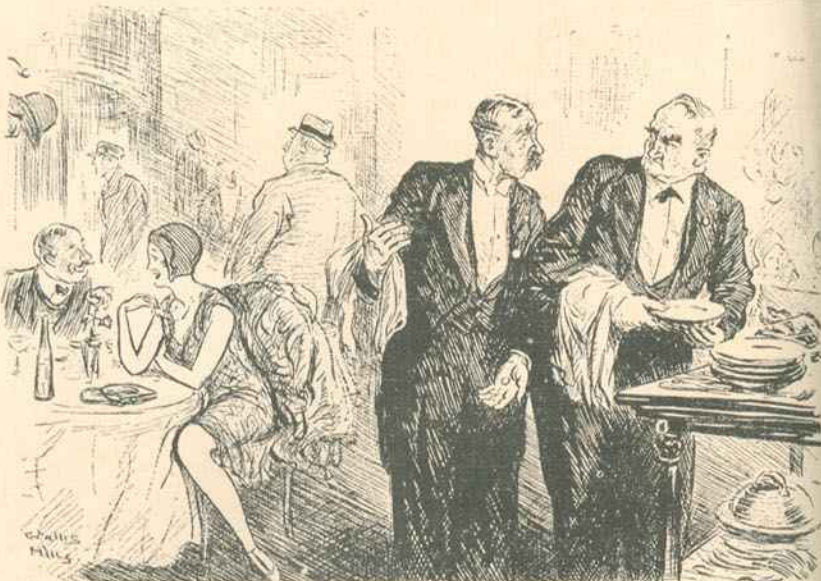
Trata-se agora de um rinoceronte, o qual



se há de ver aparecer desenhado em branco no centro de um quadrilongo preto, depois de se terem recortado e ajustado convenientemente uns aos outros estes oito pedaços pretos.

A patrão:—Onde está a esponja que lhe mandei comprar?

A criada:—Não encontrei nenhuma que prestasse... Eram tôdas cheias de buracos.



Criado, indignado:—Então, aquele imbecil depois de eu lhe ter entornado por cima das calças uma porção de molho, o que ainda faz com que o patrão me preguie uma multa de cinco escudos, não me dá senão cinquenta centavos de gorjeta, você já viu?

(Do Punch)

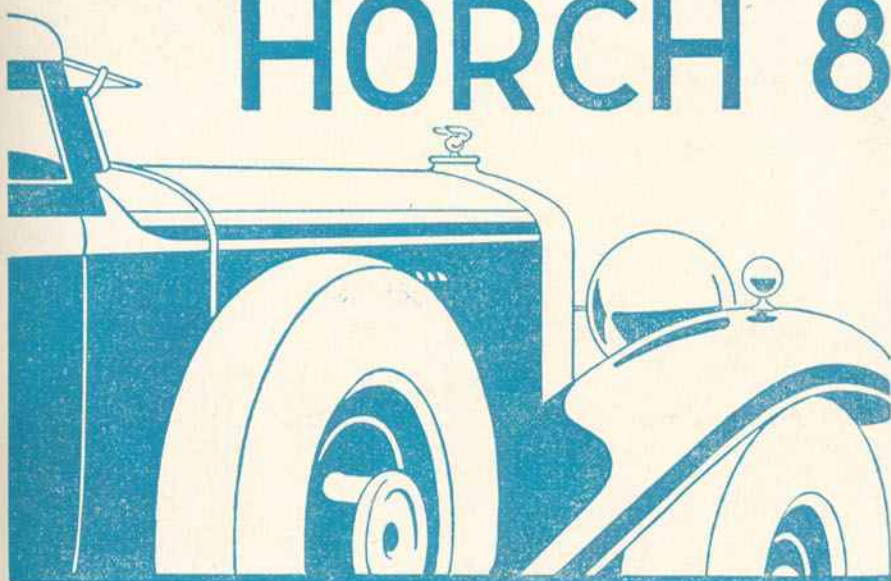


A. S. E. T. E. R., L.^{DA}

(Société d'Études Techniques et Représentations Ltd.)

APRESENTA OS

HORCH 8



**A MARA
VILHA**

DE

1931

EM

EXPOSIÇÃO

A grande fábrica
"Horch" orgulho da
indústria mundial,
acaba de nos enviar
o honroso diploma
que publicamos

Informações e experien-
cias, devem ser solicita-
das à nossa séde

AUTO PALACE

Rua Alexandre Herculano, 66

TELEF.: N. 4692 - 4693 - 4694

LISBOA



**HORCHWERKE
AKTIENGESELLSCHAFT
ZWICKAU I./SA.**

TELEGRAMS: HORCHWERKE
HAWAII: HORCHWERKE
TELE. SAMOA: HORCHWERKE
POSTAL: HORCHWERKE
HAWAII: HORCHWERKE
HAWAII: HORCHWERKE
HAWAII: HORCHWERKE
HAWAII: HORCHWERKE
HAWAII: HORCHWERKE
HAWAII: HORCHWERKE

Post. 607.

Horchwerke

2. 2. 31

Mr. Alexandre Herculano 66

Lisboa.

Monsieur,

Par la présente nous déclarons nos clients
des voitures HORCH que votre maison est au point de
faire toutes les révisions nécessaires dans les voi-
tures de notre fabrication, garantes l'assurance de votre
fiabilité, Monsieur H. E. T. E. R. a étudié dans nos usines
la fabrication et la mise au point de nos moteurs.

Nous laissons à vous le faire usage de cette
déclaration comme vous voulez et vous présentons, Mes-
sieurs, nos salutations très distinguées.

Horchwerke
AKTIENGESELLSCHAFT
W. H. H. H. H.

100 Kms. por hora sem novidade no motor



Foram, recentemente, levadas a efeito várias experiências que demonstraram que o "Mobiloil", assegura a lubrificação perfeita de automóveis lançados a uma velocidade horária de 100 quilómetros durante muitas horas consecutivas.

Assim, por muito grande que seja o esforço a que um dado motor moderno é submetido, nunca o poder lubrificante do

"Mobiloil" é afectado, pois a qualidade dêste lubrificante, constantemente melhorada e aperfeiçoada, oferece uma grande margem de segurança.

Pode V. Ex.^a pois, sem apreensão exigir do seu automóvel um grande esforço, desde que o motor seja lubrificado com o tipo de "Mobiloil" para êle indicado na Tabela de Recomendações MOBILLOIL.



Mobiloil

Guie-se pela nossa Tabela de Recomendações

VACUUM OIL COMPANY

Produtores da Gazolina "AUTO-GAZO."